



Ataando as pontas

Atando as pontas (crônicas)



Atando as pontas (crônicas)

Autores e autoras

Brenda dos Santos Souza
Carlos Alexandre Nascimento Aragão
Christina Ramalho
Cris Souza
Everton Pessan
Fabiana Santos
Ítalo de Melo Ramalho
Jailma Cabral de Souza
Janaína Matias Moreno
Karina Borges
Karine Vieira
Laís de Jesus Vasco
Luana Santana
Marcos Roberto
Raulina Andrade
Rivan Menezes Gama
Rosângela Trajano
Sheila Senes
Tony Marcus
Yasmin Resende

Organização e apresentação

Christina Ramalho

Natal/LucGraf
2019

Título Original: *Atando as pontas (crônicas)*

© Copyright 2019 by Christina Ramalho

Todos os direitos reservados. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do/a autor/a, título da obra, edição e paginação. A violação dos Direitos do Autor (Lei no. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Autores e autoras

Ilustração da Capa: fotografia de Christina Ramalho

Arte: Christina Ramalho

Revisão dos/as autores/as e da organizadora

Diagramação: Christina Ramalho

Catálogo da Publicação na Fonte.

Fernando Antony Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

R165c Ramalho, Christina (org.).

Atando as pontas: Crônicas. / Christina Ramalho (org.). – 1. ed. –
Natal/RN: Lucgraf, 2019.
104 p.; eBook (pdf).

ISBN: 978-85-7134-026-8

1. Literatura brasileira. 2. Literatura – textos diversos. 3. Literatura
– Crônicas. I. Título.

CDU 821.134.3(81)
CDD B869.4

CONSELHO EDITORIAL LUCGRAF VIRTUAL

Profa. Dra. Anélia Montechiari Pietrani (UFRJ)

Prof. Dr. Fabio Mario da Silva (UNIFESSPA)

Profa. Dra. Maria Aparecida Fontes

(Università degli Studi di Padova – Itália)

Prof.a Dra. Marlene de Almeida Augusto de Souza (UFS)

Prof. Dr. Raiff Magno Barbosa Pereira (Colégio Pedro II)



SUMÁRIO

Sobre as pontas da vida.....p. 09
Christina Ramalho

CRÔNICAS

Surra sincronizada.....p. 10
Manhã ensolarada.....p. 12
Brenda dos Santos Souza

Aquarela cheia de vida.....p. 14
Esta mudança.....p. 16
Carlos Alexandre Nascimento Aragão

A menina do avião.....p. 18
Dois fios de prosa.....p. 22
Christina Ramalho

Meu amigo dorminhoco.....p. 25
Tarde de domingo.....p. 27
Cris Souza

Vitrola.....p. 28
Epílogo.....p. 31
Everton Pessan

Cecília e a panela de pressão.....p. 32
Reconstrução.....p. 34
Fabiana Santos

5/11.....p. 36
A tinta, o caderno e a dádiva.....p. 38
Ítalo de Melo Ramalho

Meus sete anos.....	p. 41
Reflexão.....	p. 43
<i>Jailma Cabral de Souza</i>	
Uma doce capiloçada.....	p. 45
Estou liberto.....	p. 51
<i>Janaína Moreno Matias</i>	
O sítio.....	p. 54
Minha veia.....	p. 56
<i>Karina Borges</i>	
Passarinhos.....	p. 58
Tempos modernos.....	p. 60
<i>Karine Vieira</i>	
As linhas e suas histórias.....	p. 62
Biquíni asa-delta.....	p. 64
<i>Laís de Jesus Vasco</i>	
Os lápis.....	p. 66
Viver é envelhecer.....	p. 68
<i>Luana Santana</i>	
Velhice e portões enferrujados.....	p. 70
Crianças e tardes de suor.....	p. 71
<i>Marcos Roberto</i>	
Encontro.....	p. 73
Ela.....	p. 76
<i>Raulina Andrade</i>	
A evolução do Amor.....	p. 79
Entre o atual e os 80.....	p. 81
<i>Rivan Menezes Gama</i>	

Seu João das vaquinhas.....	p. 84
<i>Rosângela Trajano</i>	
Lembranças através da janela mágica.....	p. 86
Flexibilidade e saúde.....	p. 89
<i>Sheila Senes</i>	
Convergência de milagres.....	p. 93
O rock da vovó.....	p. 98
<i>Tony Marcus</i>	
Incomum.....	p. 102
Repetindo.....	p. 103
<i>Yasmin Resende</i>	
Sobre os/as autores/as.....	p. 105

Sobre as pontas da vida

Neste livro, pontas são ponteiros girando lentamente. Em movimento circular e delicado, vão passando pela vida, coletando histórias que, pela memória, voltam a ser emoção.

Não há uma infância apenas. Nem uma só velhice. Somos, no correr do tempo, crianças e velhos/as, ora no pleno êxtase do brincar, tornando a existência um malabarismo de travessuras; ora no compasso sereno da sabedoria, conjugando o verbo amadurecer.

As pontas que encontrarão nas crônicas que integram este livro não têm desenhos parecidos, nem trarão a irônica dor de um Casmurro à busca da reinvenção de si. São pontas de vidas distintas, são relógios de formatos diversos, uns já calejados, outros estreates no *Chronos* desse gênero tão fascinante. No entanto, em todas elas, a emoção de dizer o quanto a infância e a velhice são referências importantes quando nos dispomos a pensar no sentido de nossa existência.

Assim, fica o convite para girarem conosco seus ponteiros, atando suas próprias pontas a partir do que expressamos, neste exercício singelo de “ser” através da palavra.

Christina Ramalho

Surra sincronizada

Brenda dos Santos Souza

Em um dia de domingo ensolarado, eu e minha avó fomos visitar minha mãe e meu irmão mais novo, que moravam em uma casa nos fundos de um clube de piscinas, onde eu e meu irmão, Caio Felipe, passamos toda nossa infância. Ele, menino levado aos 6 anos de idade, cheio de autoridade, expulsava as outras crianças de dentro da piscina pois, segundo ele, ela o pertencia.

Certo dia, um garoto mais velho, que aparentava uns 15 ou 16 anos, irritado com Caio por ter sido expulso de uma das piscinas (veja só, levando a sério um menino de 6 anos), ameaçou bater nele. Eu, mesmo sendo apenas um ano mais velha que meu irmão, magrelinha, e menor que ele, corri para defendê-lo. Nossa avó, super protetora, avistou tudo de longe e nos tirou dali nos repreendendo-nos e nos proibindo de chegarmos perto daquele garoto.

Horas depois, já no fim de tarde, aquele menino, de que não me recordo o nome, que residia próximo ao clube, convidou meu irmão para ir à casa dele. Caio, coitadinho, inocente e sem maldade, foi com ele. Eu fiquei um pouco amedrontada, pois nossa avó tinha nos havia proibido de chegar perto daquele malvado garoto. Mas, como crianças obedientes que éramos, fomos e não avisamos para ninguém. Ao chegar à casa desse garoto, que ficava logo na esquina, ele começou a ficar agressivo com meu irmão.

Batia em seu rosto e puxava-lhe o cabelo. Eu, indefesa, nada podia fazer. Aquele maldoso menino mandou que eu saísse, mas que não fosse chamar ninguém, pois, se alguém aparecesse, ele jogaria Caio de um barranco, que, segundo ele, havia no fundo de casa.

Muito assustada, fiquei na calçada pensando no que iria fazer. Alguns minutos depois, para minha alegria e tristeza também, avisto a nossa avó. Alegria, porque iria tirar Caio daquela casa, e triste, pois a cara dela não era das melhores. Minhas orelhas já doíam só de vê-la vindo ao meu encontro, pois tínhamos saído sem permissão. Na frente da minha avó entrei na casa cheia de mim, enquanto a ouvia irritadíssima falando um monte para aquele moleque malvado.

Ao voltarmos para o clube, eu e meu irmão tomamos as palmadas mais sincronizadas que existem. Quando éramos crianças, sempre levávamos as merecidas palmadinhas aqui, outras ali, mas apanhar os dois de uma só vez era a primeira, meus caros.

Hoje estamos crescidos. Digo, eu estou, infelizmente meu querido irmão, meu parceiro de aventuras, não está mais comigo. Não podemos mais compartilhar a vida ou as “surras” que ela oferece, mas sei que ele me acompanha junto da presença de Deus. Restam-me agora as lembranças da melhor fase das nossas vidas, a infância, onde tudo é felicidade e aprendizado, ou se não é deveria ser.

Manhã ensolarada

Brenda dos Santos Souza

Em uma manhã ensolarada na baixada santista, o dia amanheceu realmente lindo. Ótimo para correr na praia e sentir a brisa do mar batendo no rosto.

Ali estava eu, aproveitando aquela manhã linda, sentada no quiosque do seu Zezé, tomando minha água de coco tranquilamente, quando, de longe, avisto um homem correndo em minha direção. Usando apenas um short de corrida e óculos escuros, de corpo suado, ele parou ao meu lado e pediu sua água de coco sagrada de todos os dias. Além de muito sagaz, o homem era bom de prosa, e logo puxou conversa comigo:

Homem: Dia lindo né? Você vem sempre aqui?

Eu: Bom dia! Moro aqui perto, mas nunca tenho tempo.

Homem: Tem trabalhado muito?

Eu: Isso mesmo, muita correria. Saio às sete e retorno às oito da noite.

Homem: Hoje em dia as pessoas trabalham muito, não têm tempo para si próprias, vivem correndo sem sair do lugar (risos). Venho aqui todos os dias, corro 4 km e vou para casa de bike.

Eu: Nossa! Adoraria andar de bike, há muito tempo não faço isso.

Homem: Então tá esperando o quê? Vamos?

Eu: Não posso, meu corpo não aguenta, vou ficar toda dolorida
(risos)

Homem: Desculpe a indelicadeza, mas quantos anos você tem?

Eu: Tenho 20, e me perdoe também a pergunta, mas e o senhor?

Homem: Tenho 76 primaveras, minha jovem. Bom, já vou indo, estou todos os dias por aqui, espero vê-la mais vezes, “correndo por você”. Abraço.

Eu: Tchau. Surpresa, me despeço do jovem senhor.

Despedindo-me também do seu Zezé, sussurro: Só de pensar em acordar para correr 4km, minhas costas doem (risos). Até mais, seu Zezé.

Aquarela cheia de vida

Carlos Alexandre Nascimento Aragão

O cheiro do barro molhado leva-me a outros lugares aos quais jamais voltarei. Não porque não queira, mas por fazerem parte de um momento único da minha vida. Único? Sim!

A infância é esse momento vivido em um curto e prazeroso tempo, mas capaz de nos tornar cidadãos/cidadãs de caráter íntegro. Talvez essa não seja uma característica de todos/as, devido às mudanças ocorridas no percurso da construção da personalidade, como afirmam algumas correntes da psicologia.

Quanto a mim, posso afirmar que essa fase foi de fundamental importância para o sujeito que sou hoje. Sentir-me protegido e estimulado a agir, concomitantemente, fizeram-me provar dos sabores e dissabores infantis. Todavia, enquanto tive a oportunidade de viver cada segundo deste momento da vida, há muitas crianças que é negado, pois elas devem trabalhar da forma mais brusca para colaborar com a sobrevivência de sua família. Isso é legal? Não! É real, dentro do nosso país repleto de desigualdades. Viver intensamente a infância é um direito assistido por lei e ninguém deve negligenciá-lo, negá-lo e nem tão pouco tirá-lo de qualquer menor.

Os anos não trarão mais a minha infância querida, mas as lembranças levarei sempre comigo. São elas que me fazem compreender o hoje, mesmo que não aceite as dores de outrora e de agora.

Por isso, nunca esquecerei da simplicidade da casa dos meus avós maternos, lugar onde nasci e vivenciei experiências incríveis. O mugir das vacas ao lado do curral, que ficava no oitão da casa; o ralar do milho, que se tornaria cuscuz para o café da manhã; o cheiro da carne na frigideira que acompanhara o saboroso cuscuz; o doce de leite mais delicioso; o esconde-esconde que divertia todas as crianças; as rodas de conversa na noite de luar; a contação de causos populares; o sabor do bolinho frito de macaxeira; as vozes doces e suaves dos meus avós, tudo isso, jamais será esquecido.

A infância assemelha-se a uma aquarela cheia de vida, capaz de encantar diversos olhares e proporcionar novas descobertas. Como é bom não a deixar morrer dentro de cada um de nós.

Esta mudança

Carlos Alexandre Nascimento Aragão

O ponteiro do relógio não para um só instante de trabalhar, mas nem envelhece, pois a hora repete-se diariamente e mantém-se sempre nova. Assim, é o nosso espírito.

Atrelado a um corpo físico que cansa, sente o passar do tempo, enruga, envelhece e morre, mas sobressai dessas fases com maestria e a cada dia renova a esperança do corpo que habita, mesmo que este não sinta ânimo para continuar vivendo.

A velhice para alguns humanos é o momento mais cruel da vida por trazer consigo marcas sociais que conduzem a um processo de exclusão. Tal fato ocorre devido à nossa falta de habilidade para conviver com o/a idoso/a.

Para alguns, esse sujeito é o peso que não pode chegar à balança da vida, porque é um fardo carregá-lo por muitos anos, mas, em um momento, fomos carregados por ele, que não sentiu desconforto, cansaço e nem nos achou um peso. Seu comportamento deveu-se ao amor dado e não cobrado, porque amar é doar-se sem algo em troca.

Enquanto uma parcela da nossa sociedade tem repulsa aos/às cidadãos/ãs da terceira idade, outra busca viver até esta fase.

Chegar aos 80 anos é uma dádiva e privilégio para poucos/as. Logo, temos a obrigação de aprender a conviver com as pessoas sábias e experientes. São elas que alicerçam o amanhã, plantando esperanças, mostrando resistência, lutando pela vida e vivendo com dignidade.

A nós, meros mortais ignorantes, resta-nos respeitá-las da maneira mais simples e singela que a vida nos ensinou. E, se ainda não aprendemos a conviver com esses seres, é preciso tirarmos a lente da ignorância e fazermos o que o senhor Deus nos disse: “amarmos uns aos outros”.

Talvez o que nos falte seja o verdadeiro ato de amar, porque vivemos sem querer enxergar o outro através do espelho da vida. Cuidemos de todos/as e não deixemos ninguém fora desse círculo chamado VIDA. Cada um/a tem sua importância, e o envelhecer não nos faz menos relevantes que crianças e jovens.

A menina do avião

Christina Ramalho

Voava de Paris a Lisboa, deixando os pensamentos correrem soltos, como as nuvens que se ofereciam à contemplação serena de meu corpo relaxado, mas um tanto cansado das últimas tarefas acadêmicas. Sempre que estou longe de casa surge aquele compromisso explícito com as divagações sobre o sentido da vida, os pertencimentos, as diferenças, as relações humanas. E o avião amplia esse compromisso, pois nossa fragilidade na situação de voar com asas alheias deixa bem claro que só temos o pensar como resquício de nossa humanidade. Assim ia eu, refém que estava da vontade absoluta do pássaro metálico gigante e, ainda nestes tempos tão tecnológicos, impressionante.

A meu lado, sentada e um tanto inquieta, uma menina de uns doze anos, dona de olhos redondos e vivos, esticava o pescoço em busca de alcançar a vista da pequena janelinha da qual eu, aparentemente, era a dona. Via-se claramente que seu desejo era de paisagem, e eu quis muito ceder a ela meu lugar, mas, na terceira poltrona, o pai, sério e concentrado, me deixava tímida. Não conhecia a língua que falavam, o que aumentou minha timidez. Cedi, no entanto, o mais que pude, espaço para que a bela menina saciasse um pouco sua curiosidade de céu, nuvens e pouco mais.

Obviamente, a menina não tinha nome para mim. Fiquei a imaginar qual seria. Olhei-a de soslaio, e percebi detalhes como seus brinquinhos azuis, suas unhas com estrelinhas que brilhavam, seus chinelos, sua bolsa cheia de pequenas flores, a cor de jambo de seus braços. Mas ela, concentrada que estava no exercício de buscar o céu, não reparou na minha curiosidade indiscreta.

De repente, a refeição a bordo. Eu recusei. Estava cansada das comidas de avião. Ela aceitou prontamente, mas, logo percebi, nada pareceu lhe agradar muito. Invertendo a dita ordem das coisas, ela começou pela sobremesa. Pequenos pedaços de pera, que eu já havia conhecido no voo de ida. Duros, sem graça... Não deu outra. Ela ficou no primeiro pedaço e logo tampou o pequeno recipiente. Partiu para algo entre uma panqueca e uma lasanha. Uma só garfada bastou. Não havia nada que pudesse ser interessante para uma mocinha certamente acostumada a outros sabores. Desiludida, ela fechou as embalagens e deixou o olhar perder-se, sem comida, sem janela, sem nada. Eu, como tinha um Toblerone na bolsa, tratei de lhe oferecer um pedaço, mas ela não aceitou. Não gostaria de chocolate? Recusou por excesso de educação? Ou seria a figura do pai que lhe deixava sob controle? Comi um pedacinho e guardei o que restava na bolsa. Ela desinteressou-se de minha guloseima.

Mais uma hora de voo e estaríamos em Paris, mas certamente o tempo lhe deveria parecer eterno, dadas as limitações que a situação lhe impunha. Decidiu dormir. E eu me concentrei novamente em minhas divagações.

De repente, o peso leve em meu ombro. Dormindo, a menina deixara o corpo solto, também como as nuvens, e o balanço do avião fez sua cabeça tombar em minha direção. Primeiro, só um peso leve, depois, o peso absoluto de quem se entregou ao conforto de um travesseiro imprevisto: meu ombro. E ali ficaria ela até os minutos finais do voo, dormindo pesadamente, aninhada em meu ombro e, sem saber, oferecendo-me uma onda doce de ternura, que me fez bem.

Acomodei-me o melhor que pude para que meu ombro lhe fosse confortável. O pai também dormia e não vira a filha aninhar-se em meu ombro. Tudo estava em plena paz e equilíbrio. A cabeça de menina me fez lembrar das meninas (já mulheres) que tenho, e vi Gabi e Isa também adormecendo em meu ombro. Tive vontade de lhe fazer um cafuné, tal como faria em minhas meninas. Aquela jovem e desconhecida criatura era, momentaneamente, uma filha adormecida no conforto da mãe. E eu a amei naquele fragmento de tempo e espaço, porque ela era refúgio para minha saudade e era, igualmente, materialidade da leveza que só a infância tem, em sua maravilhosa entrega ao desconhecido. Cheguei a torcer para que o tempo que faltava se arrastasse mais lento que os ponteiros, só para continuar a desfrutar mais um pouquinho daquela maternidade tão artificial e real ao mesmo tempo. Olhei novamente pela janela e me senti feliz pela responsabilidade recém assumida de deixar a menina desfrutar de seu sono em paz.

Cerca de quarenta minutos depois, ela acordou aos pouquinhos, e nem se deu conta de haver dormido em meu ombro. Ou, se se deu conta, não pareceu se importar. Ao contrário, levantou a cabeça preguiçosamente, espreguiçou-se, compôs as roupas, puxando a camiseta cor de rosa que vestia, olhou para o pai e viu que continuava dormindo. Nossos olhares, então, se encontraram. E eu, não querendo ser mãe de filha desconhecida, arrisquei: “Comment t’appelle tu?”. A resposta foi brevíssima: “Leah” (Pelo modo como pronunciou, imagino que se escreva assim). Deu-me um sorriso. Eu retribuí. E *c’est fini!* Chegávamos a Lisboa.

Leah, a menina do avião, agora com nome, deixou em meu ombro, em meu coração e em meu pensamento a certeza de que a vida poderia ser muito, mas muito mais simples, se em cada corpo cansado houvesse uma cabeça ainda não maculada por todas as regras, cerimônias, protocolos e limitações que nos afastam cada vez mais da beleza da infância e da capacidade de ver no outro, seja quem for, um pouco de nós. E se, também houvesse ombros disponíveis aos encontros inesperados. Sei que se meu vizinho fosse um adulto, eu provavelmente não sentiria ternura nem seria tão acolhedora. E essa certeza me joga, novamente, na realidade. Por que somos assim? Por que, Leah, te pergunto, a infância nos deixa tão distante de nós mesmos?

Dois fios de prosa

Christina Ramalho

— Ei, num vai arrancar os bichinhos não, visse?

— Oxe, tá louco, homi? E eu lá vou arrancar fios de sua sobancelha? Só estou mexendo. São tão bonitinhos esses dois fiozinhos brancos...

Olhou para mim ainda desconfiado... Parecia que eu estava bulindo com um tesouro... Falei:

— Amor, quando a gente se encontrou pela primeira vez, eles não estavam aí não...

O danado me lançou aquele olhar irônico que faz o canto do olho sorrir debochado. Dei um beliscão na barriga dele:

— Pára, seu chato!! (Comecei a rir). Está querendo dizer que eu sou a culpada, né? Paiacinho!!!! (Fiz cosquinhas simulando raiva)

— Oxe, muié! Pare com isso! (Segurou minhas mãos implicantes) Eu num disse nada não... Você foi quem falou. (Desandou a rir). Deixe meus fiozinhos quietos! Adoooooro os dois!

— Puxa, amor, são bonitinhos mesmo! E eu mexo sim! É tudo meu mesmo!

— Verdade. Mas cuidado aí.

Continuei mexendo nos "meus fios". Provoquei mais:

— Seu cabelo também ficou mais grisalho desde então... E você tem só 42 anos...

— É mesmo, é?

— É!!! E a barba? Logo estará branquinha!

— Pois é! Vai ficar bonita!

— Jura? Jura que gosta?

— Oxe, homi! Claro!

— Hummmm... Você vai ficar ainda mais lindo.

— Lá vem você com suas presepedas... (Ele pedia mais denngo...)

— Nada disso. Oia só que coisinhas mais lindas! (E fiquei relando com os fiozinhos...) Num vão cair não... São fortes que só! Iguais a você!

Ganhei o abraço moreno de sempre e ficamos ali engalfinhados ainda ao som da conversa caseira sobre o ineditismo daqueles fiozinhos coincidentes com minha presença na vida dele. Aí o danado falou:

— São as preocupações que você me trouxe, sua Galeza azul! Como um homi vai ter sossego com uma flor de milho peste que nem você? (E o canto dos olhos sorriu de novo no rosto moleque e agora

grisalho daquele pedaço de homem cujos detalhes eu vigio todos os dias como se cuidasse de um jardim).

Comecei a rir... E fiz mais uma vez aquilo que ele adora que eu faça: usei as palavras para dar uma cambalhota no sentido das coisas e na situação:

— É nada, amor! Esses dois fiozinhos brancos são um sinal!

— De quê, sua peste?

— De que vamos ficar beeeeeem velhinhos juntinhos... Um agarradinho no outro.

— Vem cá, sua danada.

Fechemos as cortinas, que os fiozinhos precisam conversar sobre outras coisas.

(Mas, ainda preciso dizer: cotidianamente eu espio os dois fiozinhos. Já há um projetinho de terceiro apontando. E me vem uma ternura grande. Todos nós envelhecemos todos os dias. Mas a chegada dos fios brancos (não os precoces, mas os que vêm pela idade mesmo) parece traçar um equador firme e definitivo. Provoca reflexão. Às vezes medo. N'outras, desconforto. Os dois fiozinhos dele (meus!) ali juntinhos, como se solidários aos meus tantos, só me dizem uma coisa: "amor". Que sensação divina a de estar certa de que envelhecer será - está sendo - maravilhoso. Porque "ele", meu honorável Moreno de sobrelha direita pseudo-grisalha, existe.

Meu amigo dorminhoco

Cris Souza

Certo dia eu estava a pesquisar no meu notebook, quando o celular tocou. Era uma amiga querida, convidando-me para comparecer à sua posse em uma academia de letras. Eu, de pronto, confirmei a minha presença.

O dia chegou, e eu fiquei na dúvida de sempre. Como eu sou membro de cinco academias, fiquei sem saber qual pelerine iria vestir. Qual academia iria representar. Então optei por uma que é meu xodó, a academia dos estudantes, que criei, fundei e da qual sou sua atual Presidente. E a pelerine é vermelha, minha cor favorita.

Fui de carona com um amigo de longa data. Como o evento era à noite e em outra cidade, fiquei um tanto apreensiva com o percurso longo. Eu já tinha percebido, nas caronas anteriores, que este meu amigo começava a coçar a cabeça quando estava com sono. Então decidi vigiar seu comportamento. Como está um setentão, ele cansa rápido e vive numa grande sonolência. E fomos eu, ele e mais duas amigas.

Avisadas da situação, elas não paravam de falar, brincar e fazer tiradas engraçadas. A viagem foi muito divertida. E quando o nosso amigo começava a coçar a cabeça, ficávamos apavoradas e a dupla do fundão começava a fazer barulho.

Deu tudo certo e chegamos bem ao evento. E o retorno foi bem mais barulhento que a ida. Precisamos transformar o carro em um parque de diversões, com muitas piadas, adivinhas e boas gargalhadas.

Meu amigo não teve tempo para coçar a cabeça, graças a Deus.

(28/09/2019)

Tarde de domingo

Cris Souza

Eu estava na minha sala, lendo, quando ouvi um barulho na minha varanda. O filho do vizinho, do prédio em frente ao meu, que pelo visto não gosta de ler, rs, estourou um ovo na minha janela. Digo que ele não gosta de ler, porque, se gostasse, estaria lendo um bom livro e não causando confusão.

Fiquei brava e, depois da limpeza e das devidas providências com o pai do pequeno infrator e o síndico, comento com meu filho: “Mas por que ele fez isso? A gente nem se conhece, ele devia ter quebrado na janela dele. Meu filho responde: “Poxa, mãe, ele é criança, mas não é burro, kkkkkkkkkkkk!” Eu morri de rir! Não é que é verdade? Sabido, isso sim...

A zanga passou e eu até fiquei compadecida quando soube do castigo que o garoto recebeu. O pai teve que pagar a multa imposta pelo condomínio e o errante ficou três finais de semanas sem lazer. Coitadinho, era só uma criança fazendo criança. Mas entendo que educar é necessário e parafraseando Sócrates: “Educar a criança para não punir os homens”. Então pensei: “Vá ler, menino, cabeça vazia, é terreno fértil para o capeta semear”. E tudo isso aconteceu numa tarde de domingo.

A vitrola

Everton Pessan

Sempre gostei de música antiga. Em sua inseparável vitrola, meu avô ouvia os discos do Cartola toda tarde enquanto fumava um cachimbo que esfumava toda a nossa varanda. Eu reclamava do cheiro, mas gostava dos sambas que ouvia. Depois que meu avô morreu, herdei seu cachimbo, à guisa de brinquedo. O cheiro das cinzas das ervas que ele fumava, ainda impregnado no velho objeto, faziam-me lembrar com saudades dos sambas, da vitrola e da sua companhia.

Meu pai, a muito contragosto meu, herdou a vitrola. “Um garoto de 13 anos não tem responsabilidade para ter um aparelho tão caro”. Ora, era 1985 e o *A-ha* acabara de lançar seu mais famoso disco, o *Hunting High and Low*, com sucessos que até hoje rendem gritos se tocados por qualquer banda de rock, além de outras bandas que surgiam. Tudo o que eu queria era comprar aqueles discos, assim como os discos de samba que meu avô também deixara para o meu pai, e colocá-los pra tocar na vitrola.

Fato é que eu invejara meu pai por ter herdado aquele bem tão precioso. Quando estava só em casa, esgueirava-me até o sótão e colocava os discos do Cartola pra tocar na vitrola. Aqueles acordes e a voz do velho Angenor me transportavam para um tempo vivido há pouco, mas que já deixava saudades.

Cresci e herdei a vitrola. Não porque meu pai morreu, mas porque ele decidiu comprar um som mais moderno, já que era mais fácil comprar fitas cassetes piratas com várias canções, e a velha vitrola agora pulava as músicas por falta de manutenção. Levei a bicha pro concerto e, enquanto não podia fazer de seus sons saudosos minha diversão, resolvi comprar alguns discos mais recentes. Como era o ano de 2000, os artistas já não se lançavam mais em LPs, mas em CDs. Nunca me interessei muito pela música daquela época. Música boa era aquela feita sem a pressa das gravadoras pra atender a demanda de um público cada vez mais superficial. O que diria Cartola se soubesse que o hit do momento era o Ragatanga?

Trouxe minha vitrola de volta pra casa e mostrei ao meu filho como ela funcionava. Depois de um descompromissado “hum”, voltou sua atenção para seu *Playstation* e me deixou testar meus “discos novos”. A vitrola, agora de agulha nova, já não chiava como antes e até parecia que *O Mundo é um moinho* estava sendo tocado ao meu lado.

Meu filho envelheceu, e a essas alturas o *Spotify* já dominava o mundo fonográfico. Os discos agora enfeitam paredes de bares temáticos e já não são arranhados por agulhas. Ainda se fabricam vitrolas, para quem, como eu, gosta de um som mais retrô, mas ninguém mais se dá ao trabalho de colocar um trambolho enorme para tocar. O mundo mudou tanto, os gostos mudaram, assim como as pessoas e a música que se fazia. Ah, Cartola, os MCs já não se preocupam com os acordes e os versos bonitos, mas com rimas baratas

e com videoclipes coloridos. As agulhas que arranhavam seus discos agora arranham a música e lhe fazem parecer que nem nesse mundo seu som um dia existiu.

Epílogo

Everton Pessan

Estou em minha varanda fumando o cachimbo do meu avô enquanto *As rosas não falam* toca com um som bem abafado em uma vitrola ali próxima. Meu neto pergunta que música bonita é aquela. Percebo que a fumaça do meu cachimbo o incomoda um pouco, mas não me esforço para apagar a erva. Explico-lhe que aquele é um compositor que viveu há quase 200 anos, em um tempo em que a música ainda era feita para agradar a alma. Meu netinho olha com curiosidade todos os discos da estante e pergunta se pode sentar ali e ouvir do que aquelas canções eram feitas.

Sorrio, num último suspiro, com a visão do meu avô e do Angenor a me conduzir para um último canto de adeus, enquanto observo meu neto cantarolar *Corra e olhe o céu*, enquanto eu, mesmo sem correr, olho o céu. Já não é mais cedo, amor...

Cecília e a panela de pressão

Fabiana Souza Santos

Era uma tarde escura, Cecília era uma idosa cheia de vida e muito alegre, mas a tristeza tomava conta de cada pedaço do seu corpo... Já idosa vivia em um povoado chamado lagoa. Muito trabalhadora, vivia de plantações de fumo e, como toda mulher forte, não só cuidava do trabalho na roça, como também da casa, dos filhos, do marido, enfim....

Certo dia, Cecília voltara cedo da roça para aprontar o almoço e lembrou de um presente que tinha ganhado de suas filhas: uma panela de pressão. Curiosa, mesmo sem saber, resolveu usá-la. Quando o feijão estava cozido, Cecília tentou abrir a panela e não conseguiu. Algo parecia estar errado. Bateu inúmeras vezes na tampa da panela para desgrudar e não queimar o almoço da família. Mal sabia Cecília que teria de tirar a pressão da panela, e o temível aconteceu...

Ao abrir a panela, um jato de água fervente jorrou em cima de Cecília, queimando todo o seu corpo, barriga, braços... Por sorte, estava ela usando um boné em sua cabeça, o que impediu que seu rosto fosse queimado. Se a tristeza já estava tomando conta de Cecília, imagine agora?

Cecília gritava horrores, sentindo imensas dores. Ouvindo os gritos, todos se assustaram e correram para sua casa. Ao chegarem, lá estava Cecília, com enormes bolhas em seu corpo, mas ainda forte e corajosa.

Foram para o hospital. O médico passou alguns remédios e Cecília foi melhorando aos poucos. Mas, por causa das feridas em seu corpo, deixou de trabalhar e de fazer tudo que amava. Na mesma velocidade em que as feridas secavam, Cecília adoecia de tristeza. Passado algum tempo, faleceu, deixando imensa tristeza no coração de todos que a amavam, principalmente no coração de seu marido, Francisco, que hoje vive sozinho e com saudade de sua amada.

A vida nos surpreende a cada segundo que passa. Cecília pode ter morrido, mas sua força e coragem não morreram junto com ela, que permanece viva nos corações de todos que a amaram e ainda a amam.

Reconstrução

Fabiana Souza Santos

Desde muito pequeno Reinaldo via coisas estranhas, e sentia coisas que a maioria das outras crianças que viviam no povoado Alto do cheiro não sentiam. Tudo começou com arrepios na espinha. Depois dos arrepios, escutava uma voz estranha todas as noites a chamar: “Reinaldo, Reinaldo”. Pensava ele que era seu pai falando, e, por isso, respondia: “Oi, papai”. E seu pai falava: “Eu não te chamei filho...”. A cada dia coisas mais e mais estranhas aconteciam, e Reinaldo mais assustado ficava.

Certo dia, dormindo em uma rede, o pequeno, que só tinha 12 anos viu sua rede começar a balançar sozinha. Assustado, gritou por pais, que rapidamente correram para ver o que havia acontecido. Reinaldo afirmava estar vendo um homem parado no canto da parede. Mas só ele via e mais ninguém... E todas as noites, Reinaldo via esse mesmo homem abrir a porteira de sua casa, entrar em seu quarto e balançar a sua rede. Desesperado gritava com horror: “Papai, papai olha ele ali, ele está ali no canto”.

Era um homem indescritível que perturbava seu sono e sua mente, e seus pais e irmãos continuavam sem ver absolutamente nada. Sua mãe, Zefinha, se encontrava desesperada. Pensava que seu filho estava enlouquecendo e cada dia mais se apegava à fé. Colocou um

terço bento em seu pescoço e todos os dias rezava, rogando a Deus para que seu filho melhorasse.

Reinaldo foi crescendo e aos poucos as visões foram diminuindo. Por causa dessa história, ele se tornou um adulto muito ríspido e amargo.

O tempo foi passando. Reinaldo se casou, teve filhos e, por ser um homem muito duro, acabou se envolvendo em uma briga. Bateram tanto nele, que foi parar no hospital e quase não conseguiu sobreviver. Internado alguns dias ali, ele viu várias pessoas sofrerem, sentirem imensas dores e dores. Depois disso, aos poucos, foi se tornando uma pessoa melhor, mais leve, de bem com a vida e começou a ver tudo por outros ângulos. Só a partir daí, o fantasma que o perseguia se foi para sempre.

Quando ela nasceu eu disse: bom, agora eu vou para casa e procurar escrever algo que pudesse marcar a chegada dela, a minha primeira sobrinha: Yasmin. De posse das minhas anotações, segui para casa com a ideia fixa de traçar o mapa astral que também servisse de carta de apresentação do nosso coletivo. Para o bem dela: nunca escrevi! Cartas de apresentação não servem para nada além do falseamento das partes.

Porém, tenho na memória – que continua im-pe-cá-vel! – o momento primeiro em que vi aqueles pesinhos de calcanhares redondinhos. A parede de vidro que nos separava, e por isso impedia a minha vontade de cheirar e beijar aquele pedacinho de flor, não foi suficientemente potente para impedir o intangível sentimento que tomara o meu espírito naquele espaço/tempo. Era a graça da vida que acabara de realizar-se.

Ali estava presente toda a minha ancestralidade. Toda a nossa linhagem. Toda esperança. Ali, naquele berçário, vi que ainda era possível acreditar na vida. Sim! Ainda é possível acredita nesse jogo de grandezas e miserabilidades. Um doce/ amargo que a pedagogia pendular da existência se encarregará de dispor como prato e/ou parto do dia.

Minha querida Yasmin, você completa 11 aninhos hoje e o mundo já começa a fazer um novo sentido para você. Viva o que tem que ser vivido. Mas jamais esqueça de respeitar e compreender o semelhante como uma extensão da sua carne, e, portanto, da nossa humanidade. Esse é o real valor da existência: a Ética. Aproveite o dia do seu aniversário e um beijo na capa do seu ôio, minha Casaca-de-couro. Te amo!

A tinta, o caderno e a dádiva

Ítalo de Melo Ramalho

Para d. Terezinha Alves de Melo Ramalho

Ao nascer, Deus perguntou-me: “O que queres?”. Sem pestanejar, respondi: “O chão!”. Ele sorriu maliciosamente como um jogador de baralho em blefe, e percebeu que eu era igual às outras sementes: sempre à espera da canastra real. Sendo assim, retalhou e me entregou um pedaço raso de couro de carneiro medindo 19,04 por 19,74 centímetros, e disse: “Taí o seu caderno! Borda letras com fios do próprio sangue, derramando-o na geografia áspera da celulose!”.

Uma sensação estranha ferveu nas minhas vísceras. Fiquei atônito com aquela possível liberdade de desfiar o meu rosário de penas no infinito mundo mágico do cartear. Ora! Que liberdade seria essa se ao menos não posso querer permanecer ou, sendo mais astuto, prolongar a permanência até desaparecer no espaço como uma nuvem silenciosa que trafega para o abismo do éter? Ou será que eu poderia escolher sumir de maneira abrupta como o concreto que evapora das mãos ilusionistas do crupiê? Definitivamente estava no cárcere perpétuo das dúvidas!

Não havia o que fazer! Peguei o meu caderno e saí aos pinotes pelo labirinto das hostilidades. Saltando pedra em pedra! Escalando serra a serra! Submergindo vala a vala! As cortinas que se abriram e se abrem são as mesmas que se fecharam e se fecham. Os teatros e as suas encenações existem aos montes e sempre existirão! E eu mesmo ainda não tinha me dado conta de que o meu palco já se iluminara há tempos. Hoje, às vésperas dos quarenta e três anos, vejo fachada, nave e cúpula precisando de cuidados clínicos.

É, o tempo caminha parelho com as formas e, principalmente, com as substâncias. E falando dessa última em específico, lembro da magistral diretora que soube conduzir o elenco uno do meu mundo, com instantes de doce de leite e vestes de cambraia bordada; e outros com cenas de sola de couro e borracha da amazônia.

Tinha um zelo dedicado à minha simplória personagem sem máscaras. Ensinou-a a soprar os primeiros “ais”. Foi muleta quando era necessário equilibrar a carne no trapézio, e é corpo quando sustenta nos braços finos o peso de cinco arrobas. Foi mestra quando a palma da sua mão engolia o dorso da minha e guiava o preenchimento caligráfico do couro escolar. Foi e é algodão quando os lábios tocam a fotografia sustentada na parede. E é falível quando diz que a saudade corrói lentamente a esperança, mas nem por isso deixará de vibrar o êxtase do encontro que vivo em desatada sangria.

Minha diretora ensina-me que um mais um são dois. E que dois são trilhões de possibilidades algorítmicas, que extrapolam o quadro aritmético e assentam a poeira do surto na comunhão dos olhos e dos oceanos que encerramos em nós.

Assim, temperando o meu caderno com tinta e dádiva, a diretora também me ensinou, ensina e ensinará sempre, a temperar o lúdico do inesperado com a lógica do cartesianismo no jogo das cartas. Sigo construindo os meus seguidos e já conto com uma jangada real de paus na mesa. Foi com essa canastra que encontrei o meu casebre realista de grandes novidades e o meu imenso castelo de futilidades!

10.IV.2017

Meus sete anos

Jailma Cabral de Souza

Minha infância foi uma festa. Eu brincava, corria, e tudo se repetia dia após dia em um ritmo tão acelerado que logo cresci. Morei meus primeiros sete anos em uma fazenda, a do Padrinho Zezé, da qual meu pai era o caseiro. Meu pai cuidava de tudo: dos bichos, da horta, do jardim e de outros trabalhos similares e ainda encontrava tempo para se divertir comigo e meus irmãos. Ele nos levava para passear e na volta sempre nos deixava tomar banho de mangueira.

Era tudo muito simples, mas o mais importante nunca faltou. Ao contrário, o amor e a diversão eram abundantes. Havia animais por toda parte, e eu amava viver no meio deles. Foi, sem dúvida, o momento mais feliz da minha vida. Ali brinquei, chorei, sorri e talvez até tenha sofrido, mas, no outro dia, tudo se renovava e junto com a luz do sol vinha aquele lindo sorriso.

Certo dia, às seis da matina, o sol já brilhava exorbitante, quando saí com meu pai para o chiqueiro dos porcos, com a ideia de ajudá-lo. Chegando lá, logo ele notou uma porca parida com apenas dois bacorinhos. Ele olhou, achou estranho, mas continuou a cuidar dos outros porcos. Mais tarde, ao voltar ao chiqueiro, encontrou a mãe devorando o seu filhote. De imediato, meu pai correu e conseguiu salvar um dos porquinhos. Aquela cena não me saía da cabeça.

Eu vendo aquele animalzinho, tão indefeso, que precisava de cuidados, resolvi cuidar dele. Meu pai levou-o para outro lugar, colocou-o dentro de um tonel. Minha mãe aquecia o leite para ele todas as vezes, e eu o pegava no colo e lhe dava mamadeira. E foi assim, por muitos e muitos dias. Eu o colocava no colo, enrolava-o em um pano, e ele se sentia tão confortável que até dormia.

O tempo foi passando e ele estava crescendo, engordando e conseqüentemente ficando pesado, pesado até demais para uma garotinha de apenas cinco ou seis anos, sem mais forças para carregá-lo no colo.

Um dia chegou um homem na fazenda e viu o meu porquinho. Ele ficou tão impressionado com o porco, admirou tanto que quis levá-lo. Eu fui logo dizendo que não, mas ele insistiu. Meu pai interveio e falou para ele que aquele porquinho não estava à venda. No outro dia, como de costume, quando acordei fui correndo pegar o porquinho. Chegando lá vi logo que ele não estava bem, não me recebeu aos gritos como sempre, estava deitado, com uma profunda tristeza.

Tadinho, estava doente. Saí correndo e fui chamar meu pai. Não sabíamos o que tinha acontecido, mas foi depois da visita daquele senhor. Será que foi olho gordo? Meu pai, com toda sua experiência, tentou dar alguns remédios, mas não teve jeito, ele morreu. Nossa, foi uma tristeza só. Meu amiguinho tinha ido embora e junto com ele foi a minha infância.

Reflexão

Jailma Cabral de Souza

Ao chegar do trabalho, deparei-me com uma cena que me fez refletir um pouco. Cinco crianças sentadas na calçada, todas com um celular na mão. Fiquei olhando e lembrei da minha infância: ah, no meu tempo, essas crianças estariam era correndo, brincando e não seriam manipuladas por um aparelho. Lembrei-me do quanto foi maravilhosa e divertida a minha infância, do quanto era mágico ser criança, do tempo em que a minha única preocupação era com as estripulias.

Eu e meus irmãos saíamos com um estilingue pela fazenda caçando passarinhos e até lagartixas. Pois é! Nem as coitadas das lagartixas escapavam. Pega-pega, pique- esconde, corríamos por toda a fazenda aos gritos e às gargalhadas de tanta felicidade. E quando chegava o inverno, nossa, fazíamos a festa. As poças de lama eram poucas para nós. E não para por aí, assim como meu pai cuidava do gado, nós também tínhamos nosso rebanho. No tempo das mangas, nós saíamos pela fazenda catando gravetos, fazíamos um curral, pegávamos as mangas que caíam, colocávamos quatro palitos nelas e dizíamos que eram as vacas, os bois e os bezerros da nossa fazenda. Era muito divertido.

São lembranças que não foram registradas por nenhuma dessas novas tecnologias, mas que ficarão para sempre em minha memória. Patins, patinetes, bicicletas e piões eram nossos brinquedos e tenho certeza de que eram bem mais divertidos do que esses joguinhos que as crianças brincam hoje. Fico imaginando que quando crescerem não terão histórias, assim como as minhas, para lembrarem e nem para contarem.

Uma doce capiloçada

Janaína Moreno Matias

Dessas coisas que acontecem na vida da gente, coisas que a gente não entende, e entende ainda menos quando a gente é criança. Aí é que a dificuldade se deslança em metros. Pois bem, tive a sorte de relatar uma dessas peças do destino na vida de Jesuína, nos tempos idos da inocência dela. Confesso que por algum instante hesitei em contar a história, sobretudo por categorizá-la como uma história sem graça, fraca de enredo. Mas... já comecei, vou ver se termino, não garanto nem uma boa história, nem um final feliz.

A tarde já se despedindo de seu expediente, a cidade se recolhendo, se aquietando. Um clima bucólico vez por outra orvalhava a cidade no começo da noite. A descrição ainda é uma tentativa de não começar a história. Nesse momento de escritura, não gosto nem de pensar o que Jesuína diria se pelo menos desconfiasse que eu quase julguei, em público, a história como mal contada. Talvez ela achasse estranho esse negócio de orvalhar, não me admiraria a estranheza dela, uma vez que a danada tem seu sol particular. Se tem! Naquela terra é um sol para cada um e ainda tem outro no fogo que é para ninguém deixar de sentir um bafo de caieira nas costas.

Para Jesuína o que menos importava era o grau de adverbiação do sol: quente, meio quente, mais ou menos quente, quente abafado, quente de rachar. Se você preferir chamar as antecessoras palavras de adjetivos, fique à vontade leitor, o sol nem reclama e nem acha ruim. É um astro de postura singular: **QUENTE**. Antes de ficar de miolos moles, vou me concentrar na história, perdoem-me, às vezes sou dispersa. E antes que eles escorram, a forte Jesuína me espreita e com olhos de fogo, reclama-me a sua história. Quem mandou entrar em boca de caeira!?

Menina franzina e rápida de raciocínio, nunca fez corpo para os estudos e sua disposição ganhava fôlego para suas virações em busca de alguns trocados depois da aula. Com uma pasta de plástico, lápis, borracha, régua e o caderno dado pelo governo, detalhe: o hino nacional na contracapa. O governo tinha essas manias antigamente, Jesuína até gostava de ler o hino despreziosamente, lia com um gosto danado, como se comesse as palavras e estas lhe fizessem muito bem ao corpo e à alma. Sei que não era tão somente por isso; ela me disse a razão, no entanto, não deseja torná-la pública, é uma escolha dela, não posso intervir. Paciência. Menina embirrenta. *Tenho o direito de pensar... pense!*

Deixem-me continuar a narrativa. Depois que chegava da escola, a menina embirrenta almoçava, fazia algumas das obrigações que a história “presenteou” ao sexo feminino: lavar louças, limpar a

mesa, apanhar lixo, [...], esquecer-se de si. Obrigações que muitas vezes matam a espontaneidade das jovens. Esse presente de grego é de um mau gosto danado que nem me esmerei para colocar as ações numa ordem, eu gosto é da desordem. Por Jesuína, posso garantir, ela deixaria tudo era desarrumado, iria brincar e mais tarde faria tudo com esmerada preguiça. Sua condição social não permitira, precisara ajudar a mãe com as tarefas da casa. Eita, que sorte “Severina” não haver conselho tutelar naquele tempo.

Não conformada com algo que não sabia o quê, a menina lutava por seus tostões, e no pingo do meio dia, lá ia ela, com uma bacia de cocadas bem quentinhas, com o frescor do coco atijando o desejo e o paladar de seus possíveis compradores. A tarefa era doce, sem dúvida, não necessariamente fácil. Era até um momento de um misto de liberdade e aventura. Subia os morros da cidade e na maioria das vezes seguia um dos trajetos que houvera projetado de tanto que andava por aqueles caminhos. Noutras vezes gostava de arriscar e percorria caminhos mais sinuosos e ruas esburacadas e íngremes, de difícil acesso a qualquer desconhecido do terreno. Não importava, decidira ir por ali, fora.

Batia de porta em porta e cantarolava de maneira cadenciada um oferecido canto: *Quééé comprááá cocáááda?* Uma resposta afirmativa a instigava a percorrer mais e mais o seu trajeto; uma resposta negativa não a animava tanto, também não a deixava menos feliz. Fitava os céus e de algum modo a esperança corria em seu corpo

miúdo sob a forma de uma gota de suor. *A bacia hoje não fica nem o farelo.*

Pois bem, como disse o poeta:

“Porém, o tá Luçufé

Nunca se aqueta nem dróme,”.

Jesuína achou de bater à porta de uma senhora que prestava favores corporais e corriqueiros a um senhor da cidade. Um dito, “homem de bem”, “pai de família”, “defensor da moral e dos bons costumes”, “exímio trabalhador”, “caridoso” [...]. Pelo menos era o que todos diziam dele e quando em sua presença. A porta era daquelas que abre separadamente a parte de cima, e é claro, a cabeça de Jesuína já se fazia presente quase dentro da casa. Os olhos prontos e ativos 24 horas por dia, 7 dias por semana; mesmo que ela não soubesse disso, é o que acontece a todos os humanos, no entanto, tenho quase uma certeza insana de que os olhos Jesuína estavam no horário de verão.

O casal estava calorosamente deitado numa rede armada na sala, talvez trocando amenidades; ele, possivelmente reforçando lhes falsas promessas; ela, querendo acreditar, ainda que no calor do aconchego. Ao avistarem Jesuína, quase não souberam como levantar. Jesuína me disse meio sem querer dizer se o tal “homem de bem” havia ou não, reconhecido sua doce voz de menina. Na hora dela bater o martelo na bigorna de sua certeza plena, sussurrou-me apenas no ouvido. Eu apenas franzi o couro da testa. Continuando a suposta desgraça, digo, história mal contada. A pobre mulher não entendeu

porque acompanhou o safado num ato tão repentino. Os dois em pé, na verdade os três em pé, a menina estava na porta com sua bacia de cocadas e com um sorriso maroto no canto da boca.

Um silêncio tumular durou os instantes necessários para que a moça de préstimos corporais, geralmente estável e semipermanente, respondesse educadamente que sim; e que o seu, seu [...], respondesse que não. E a menina na porta, só de butuca, esperando uma decisão, afinal de contas era uma quase venda. De modo que não houve jeito, o cabra safado foi vencido pela insistência silenciosa de Jesuína, comprou de pronto duas cocadas, abriu um sorriso de um canto ao outro da orelha e partiu em busca da porta para fechá-la o mais rápido possível. *Besteira, já vi mesmo. Um pai d'égua desses com uma "espingarda" novinha!*

A pequena vendedora seguiu seu caminho, levou ainda umas três horas para corrigiu todo o percurso de sua clientela. Demorava-se às vezes porque gostava de aventurar-se em seus pensamentos e transformava aquele cenário tórrido numa grande terra de liberdade. Assim era a maneira de Jesuína ser feliz e ela tinha consciência disso. Não pense que a história acabou. Completando o dito do poeta:

“Mas logo depois o Diabo
Vem bardiá com o rabo
As água do má da vida”.

Tenho certeza que o diabo veio dar um belo de um corretivo naquele “defensor da moral e dos bons costumes”. Na volta para casa

quis o capiroto que numa esquina da cidade, não me pergunte de que forma, esbarrassem-se: Jesuína, “o homem de bem” e a esposa. A menina levantou a vista, sorriu ironicamente e disse sem muita sonoridade: - Quer comprar cocada? Só tem duas. Compre, para fazer logo as quatro. O cabra ficou anêmico no semblante e na coragem, mas arranjou um punhadinho de forças e comprou o resto das cocadas. Jesuína lavada na safadeza, foi para casa assobiando fino e já arquitetando como fazer para vender as cocadas na próxima vez que surpreendesse àquele “honroso” pai de família.

Estou liberto

Janaína Moreno Matias

O peso da idade é um fardo para todos os que viverem o acontecimento de envelhecer, mas é um fardo que não causará tanto desconforto se a pessoa souber envelhecer com sabedoria. Ser senhor do que viveu, do que gozou, do que não fez; ter ciência e consciência da trajetória de sua vida; ter vivido intensamente e não apenas sobrevivido. Passar pela vida, esta não nos garante nada, e lá, mais à frente, contar suas histórias, seus causos, dividir seus ensinamentos, multiplicar sua aprendizagem com as gerações que o sucederam parecem uma coisa simples, natural, fácil. Nesse mundo hostil, nunca se engane. O idoso é o que mais sofre com descasos e maus tratos de toda ordem e natureza.

Nessa terra tupiniquim, o envelhecimento vem se dando a passos largos e rápidos, em um ritmo que requer soluções urgentes e imediatas das diferentes instituições sociais e políticas para as necessidades e interesses das pessoas idosas. No entanto, tenha muito cuidado se um dia você resolver debochar de uma pessoa mais velha, sobretudo quando o assunto envolver a vida sexual daquela. Pois bem, para não deixar esse texto com cara de redação de ENEM, vou começar a narrativa que versa sobre a petulância de um jovem, –

coitado, mal sabia o que lhe aguardava –, que resolveu descompor um senhor de idade avançada, e isto, em plena luz do dia e na frente dos amigos do ancião.

Idoso, de passos meigos, não tão fisicamente forte, mas de mente aligeirada, seu Onerom costumava sentar-se todos os dias na venda de um de seus amigos, na mesma hora e no mesmo lugar. Ali, conversava com jovens, adultos e crianças. Senhor respeitado e de extremado conhecimento sobre sua profissão e sobre a ciência da vida. Era homem pacífico, não gostava de encrenca, não tinha desavenças e nem fizera inimigos durante suas quase 8 décadas bem vividas nesse mundo de meu Deus. Porém, era inimigo de injustiças, de falsos testemunhos, de traições e de zombarias. De zombarias, aliás, ele era inimigo ferrenho.

Um belo dia, sentadinho no lugar costumeiro, seu Onerom viu chegar à venda um jovem fisicamente esculpido, bem apessoado, cabelo bem cortado, cheiroso que só carrada de melão, traje apetitosamente sensual, uma pintura de homem.

O jovem entrou na venda, pediu uma bebida energética e ficou se exibindo. Tivesse ficado só nessa exibição, ele teria ganhado o dia com tanta beleza, hum. Caiu na besteira de abrir a boca e puxar conversa com seu Onerom sobre masculinidade. Estou amenizando, a prosa foi muito maior e muito sem graça, e sábio idoso já estava incomodado com tanta “arisia” saindo de uma pessoa só. Lá pelas tantas, o jovem começou a arrotar potencialidade sexual acima da

média, descrever seu desempenho de garanhão, pabular histórias de suas conquistas amorosas, e, não satisfeito com o exagero, fez uma pergunta galhofenta que mexeu com os brios de seu Onerom que ele não teve o que fazer, a não ser o que se seguirá nas próximas palavras dessa narrativa.

O velho sábio, agora já quase sem paciência, respirou fundo, olhou com a agudeza de um gume de peixeira afiada em busca dos olhos do jovem garboso e desventurado em palavras, e foi desbulhando o rosário: “Meu jovem, eu já vivi até essa data de hoje, não sei se de amanhã em diante eu estarei vivo, qualquer dia para mim já é um lucro danado, é lucro de sobra. Já viajei por esse Brasil, conheci pessoas de todas as qualidades, tive mulheres de todo jeito que elas quiseram me ter, bebi e farreei. Fui useiro e vezeiro do que você hoje se gaba desfrutar. Não querendo estirar conversa com você, justamente porque eu acho que você não aprendeu a respeitar as pessoas, posso até dizer que nem as pessoas mais novas e tanto menos, as pessoas mais velhas. Vou encerrar o assunto por aqui só lhe dando um conselho-aviso. Eu, este senhor idoso que está falando com você, eu já ESTOU LIBERTO, já fiz e refiz tudo que você nem consegue imaginar e nem nunca vai conseguir fazer, pois, pelo que eu vejo, ou melhor, pelo que eu escutei, você só tem é conversa para boi dormir”.

O sítio

Karina Borges

Lembro-me vagamente dos momentos que passei no sítio de meu pai. Eu sempre ia lá. Não era um lugar muito grande nem muito pequeno. Acredito que, naquela época, na minha infância, o tamanho era ideal. Mas criança não questiona isso, não é verdade? Eu adorava passear por lá, subir nas mangueiras altas e repousar, como uma preguiça, nos seus galhos firmes e fortes. Até mesmo sobrava espaço para se armar um pequeno balanço com uma tora de pau e uma corda esquecida, a qual meu pai vez ou outra utilizava para prender os feixes de feijões que ele retirava da plantação em período de colheita.

Quando era tempo de fruta, como meu pai costumava dizer, eu me esbaldava. Colhia mangas verdes, e as comia com sal, vinagre e pimenta-do-reino. Esta mistura era o famoso “golinho da alegria”, como meus primos e eu chamávamos. A princípio, parece estranho essa denominação, no entanto, ela carrega uma simbologia que marcou profundamente uma parte de minha vida, porque, quando nos juntávamos para comer manga verde, não tínhamos preocupações, só pensávamos em nos divertir. A diversão era o que não faltava quando estávamos no sítio.

Lembro-me de quando brincávamos de pique-esconde, fazíamos castelinhos de areia e, às vezes, íamos para o sítio vizinho, às escondidas, nadar na fonte.

Esses momentos se tornaram apenas lembranças. Lembranças de um período bom e gracioso que vivi. Eu levo essas recordações comigo e as guardo como se fossem o meu bem mais precioso. Afinal, os momentos que vivi no sítio de meu pai foram os mais simples, mas também os mais felizes e especiais.

Minha veia

Karina Borges

Ao olhar sua foto, senti uma maravilhosa emoção que, por pouco, não transbordou pelos meus olhos. Toda vez é assim. Quando eu olho para fotografia de mamãe, eu vejo, em seu retrato, as marcas que o tempo vai fazendo conosco conforme envelhecemos.

Muitos acham que envelhecer é a pior parte da vida, mas, para ela, envelhecer não é algo tão ruim assim. Pelo contrário, ela sempre diz que só mostra o quanto já viveu e colheu da vida. Não posso negar: vez ou outra ela gosta de se produzir, pintar seus longos cabelos pretos, os quais ela tanto adora.

Observar as rugas em seu rosto fez-me voltar ao passado e lembrar de suas lutas, das dificuldades e das decepções que enfrentou durante sua vida. No entanto, ela nunca deixa de viver, mesmo carregando, desde cedo, tanta responsabilidade em seus ombros. É difícil mensurar quantas vezes ela deixou de atender a um capricho dela para zelar pelo bem mais precioso que ela possui: seus filhos. Minha mãe é assim, coloca o bem-estar dos filhos em primeiro lugar e faz questão de sempre lembrar deles, não importa o motivo. Acho que isso é coisa de mãe.

Não posso deixar de falar do sorriso que a minha veia esbanja na fotografia. Um sorriso que aquece o meu ser só em olhá-lo, fazendo até com que eu sorria junto. E, por hora, sentir que apreciar o seu gracioso e modesto sorriso faz com que eu esqueça do dia ruim que tive. Não é sempre que eu vejo minha mãe sorrir, já que os momentos em que ela o faz são raros, como aqueles quando ela pinta seus cabelos.

Às vezes, pergunto-me o porquê de ela não sorrir tanto, mas acredito que ela não o faça por conta das coisas que carrega em si, sejam suas dores, sejam seus desapontamentos com a vida. Eu não sou capaz de fazer com que essas coisas se esvaíam, sobretudo, seu passado difícil. Mas, na convivência, tento ser o melhor para ela.

Quero eu chegar a essa fase da vida, ou envelhecer, quero ser mais do que ela é ou já foi. Ao afirmar isso, não rejeito com mau grado o que ela construiu, mas, sim, acredito que, ao ver suas vivências, eu possa me moldar como pessoa, seguir seus valores e aperfeiçoá-los na medida em que eu for desfrutando a vida. Não me preocuparei com o número da idade, com as rugas e as manchas que surgirão em minha pele. Mas apenas com o... Viver.

Passarinhos

Karine Vieira

Era manhã. Acordei. Levantei. Caminhei para o quintal de casa para tomar um banho de sol. O dia estava claro, sol radiante, com poucas nuvens no imenso céu azul. Além de mim, todos já estavam acordados, a família, as galinhas a ciscar a terra do quintal à procura de alimento, os vizinhos, os automóveis lá fora. Tudo e todos em movimento, na sua rotina diária. O mundo despertou.

Sentei em um banquinho na tentativa de me sentir mais confortável e tranquila. De repente, avistei pousar um casal de passarinhos, pequeninos, com sua penugem de tons cinza e amarronzado. Pousaram sincrônica e delicadamente no chão. Pareciam felizes e despreocupados, demonstrando tamanha inocência e cumplicidade entre ambos. Por um ato involuntário e instintivo, senti-me emocionada e saudosa ao vislumbrar tal cena, pois me fez recordar de momentos da juventude. De momentos específicos vividos por mim e pela minha irmã. Enxerguei, nos passarinhos, a nossa imagem.

Percebi que sempre estivemos juntas, desde o nascimento, não só pelo fato de sermos irmãs e... gêmeas, mas também pelo relacionamento recíproco e cúmplice que criamos ao longo dos anos.

Apesar de termos semelhanças físicas, possuímos personalidades diferentes, manias e gostos distintos, cada uma ao seu modo de ser. Basta apenas observar os detalhes que fazem toda diferença.

Após alguns minutos, observei as lindas aves voarem ao mesmo tempo. Elas partiram. Possivelmente, andaram pela imensidão do céu, indo em busca de mais alimento ou de um lugar para construir o seu lar, resistindo ao cansaço e às dificuldades.

Assim como os passarinhos, também estamos à procura de algo. Apesar das dificuldades, das dores, dos sofrimentos, continuaremos construindo o nosso caminho, indo em busca dos nossos objetivos, adquirindo aprendizado e experiência a partir das nossas vivências. Se as pequenas avezinhas continuaram a voar juntas? Não saberei responder, mas desejaria que sim. Quanto a nós, posso de dizer que continuaremos juntas, a trilhar esse caminho que chamamos de vida.

Tempos modernos

Karine Vieira

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, já dizia Camões. Isso foi o que pensei quando me deparei com a cena de três amigos sentados na sala, com os olhos vidrados no celular. A situação me provocou certo espanto e indignação, tendo em vista o fato de que era período de férias e, ao invés de eles estarem aproveitando-as, preferiram “se divertir” utilizando o objeto eletrônico, desperdiçando o tempo livre com os jogos virtuais.

Tal fato me fez lembrar dos momentos que vivi com meus irmãos, primos e amigos durante a infância. Percebi, um pouco triste, que as crianças de atualmente não são mais como as do meu tempo. O advento em massa das tecnologias contribuiu para esse processo de mudança, em que luzes, sons, imagens em movimento das ferramentas digitais, como celular, videogame, computador, se tornaram mais atraentes. A minha geração era diferente da geração dos dias atuais.

Afirmo isso por perceber que, hoje em dia, dificilmente se veem as crianças do lado de fora de suas casas brincando de esconde-esconde, amarelinha, queimado e, até mesmo, mexendo com a terra, algo que eu costumava fazer bastante durante a minha infância.

Oh, tempos bons! A minha única preocupação era com o joelho ralado, a briguinha com o amiguinho, com quem, minutos depois, estaria falando novamente. Ah! Relembrar esses momentos é tão nostálgico.

Acredito que o ato de brincar é essencial. A utilização de brincadeiras durante o processo de desenvolvimento da criança possibilita o contato físico e a noção de coletividade, que é construída através das interações com outras crianças, contribuindo para a sua inserção e interação no meio social, além de desenvolver suas capacidades sociocomunicativas e psicomotoras.

Apesar de tudo isso, às vezes, me pergunto se as brincadeiras tradicionais serão esquecidas ou perderão o seu espaço para os eletrônicos. Isso seria possível? Ou seria apenas exagero da minha parte? Ainda que a utilização dos meios digitais esteja tão presente atualmente, acredito que as brincadeiras permanecerão, ainda farão parte das futuras gerações, afinal se trata de algo construído social e culturalmente, e para que isso não seja perdido, é necessária sua valorização.

Um bom começo seria o equilíbrio ou a junção entre o ato de brincar tradicional e a tecnologia, para, assim, fazer com que a criança perceba a importância da brincadeira durante o seu crescimento.

As linhas e suas histórias

Laís de Jesus Vasco

Os dias passam, as horas voam, os minutos nem existem mais, afinal é mais um dia ou menos um dia? Mais ou menos não sei informar, mas, com certeza, é muito mais experiência, muito mais sabedoria.

Antes, havia mais intensidade, os dias passavam vagorosamente, hoje mais parece avião após decolar. Jovens hoje, amanhã não mais. Tenho a impressão de que cada linha de expressão que surge na velha face é uma história sendo contada... É isso mesmo! Parece loucura, mas não é. Um bebê nasce com a pele lisinha, e com passar do tempo, linhas, rugas e até pés de galinhas vão nascendo. Lido com isso, como se fosse uma construção pessoal, quando, por exemplo, as olheiras que surgem sempre nos finais do período, sinal de sobrevivência na universidade.

Ah! Mas hoje tem botox, tem peeling, laser e até microAGULHAMENTO, dá para acreditar? Acho difícil até pronunciar esses nomes. Mas, de fato, existem vários processos envolvendo essas marquinhas que a tantos incomodam. Mas incomodam por que mesmo? Há quem diga que é apenas por estética,

outros, que se trata de autoestima, prefiro acreditar que são procedimentos que na maioria das vezes nos ajudam a enfrentarmos barreiras, e a nos sentirmos LINDXS.

Apagam memórias, mas também ajudam a construir histórias, momentos que são modelados ao seu gosto e bolso. Um silicone aqui, um preenchimento ali, uma e outra recuperaçãozinha após cada cirurgia e dores infernais, que são recompensadas com aquele brilho, a autoestima elevadíssima e por último, aquela selfie, para poder mostrar todos os resultados!

Biquini asa-delta

Laís de Jesus Vasco

As primeiras vestimentas, que se denominaram biquínis, se tratava de macacões, shorts compridos e blusas de manga, os quais mulheres usavam acompanhados de tamancos, botas e lenços. Naquela época, era um escândalo que partes do corpo feminino ficassem à mostra.

Com o passar dos anos e as evoluções, mudanças surgiram. Em 1946, o lendário estilista francês Louis Réard criou a maior polêmica da época (e sem dúvidas a libertação para o início da nossa luta contra o machismo): o biquíni tanga, que, usado por referências femininas como Jayne Mansfield e Marilyn Monroe, ganhava destaque a cada click.

E suas evoluções não pararam. Nos anos 90, o biquini asa-delta chegou ao mercado, para revolucionar ainda mais essa luta, com a intenção de modelar a silhueta e mostrar os pernões que as belas mulheres tinham e têm. Calma! Têm? Mas, como assim? Isso mesmo! Dos anos 90 direto para 2019, o nosso biquíni revolucionário virou sucesso entre todas as mulheres novamente no século XXI.

Bolinhas, listras, estampados, lisos e plus-size, de todas as formas, tamanhos, cores e com um novo nome, “biquini cavadinho”,

mas com a mesma função do século XX: empoderar a mulherada, para que se sintam belas e maravilhosas ao pegarem aquele bronzeado DIVO.

Contudo, como nem tudo são flores, muita das vezes ouvimos lhes serem dirigidas palavras como “vadia, puta, prostituta, gostosa...” (Suspiro, e uma breve pausa). São inúmeras as ofensas ouvidas por quem ouse usar e abusar dessa “revolução”. É lamentável que, em pleno século XXI, nossa luta pareça *fail*. Mas, ainda assim, é com muito orgulho que grito: SOMOS MULHERES, SOMOS LUTAS e SOMOS RESISTÊNCIA.

Os lápis

Luana Santana

A chuva caía lá fora. Comecei a arrumar minhas apostilas e materiais de períodos passados, quando, de repente, caiu um estojo com um lápis que eu adorava usar. Vieram-me muitas lembranças à cabeça, pois, com aquele lápis, foram feitas muitas anotações da vida. Ele tão pequenino... As cores da madeira, antes coloridas, já estavam se apagando, mas ele ainda estava com a ponta do grafite bem apontada. Olhei para meu estojo novo e vi meu atual lápis, pouco usado e bem colorido.

Peguei meu lápis pequenino e antigo e me lembrei de que ele, com toda experiência, escreveu várias linhas, vários contornos, sempre guiados por uma mão condutora. De vez em quando era preciso usar o apontador, e isso fez com que meu lápis sofresse um pouco, mas, no final, ele sempre estava afiado. Dores foram necessárias para esse lápis apontar, melhorar na sua escrita.

De vez em quando também era preciso apagar algumas coisas escritas pelo lápis, usando uma borracha para desfazer o que estava errado, corrigindo sempre em suas novas linhas e contornos. Quanto mais se escrevia, apontava e apagava, menor ele ficava, mas com uma carga enorme de experiência.

Parei e refleti acerca do meu lápis novo. Ele ainda é enorme, mas tem poucos contornos e pouca experiência. Meu novo lápis ainda será muito usado, apontado, e seu traço, quando preciso, apagado. Marcas serão deixadas, e sua cor poderá até se cessar, seu exterior perderá a “cara de novo”, mas seu grafite, a sua essência, continuará escrevendo mais linhas, sempre acompanhado da mão que o guia.

Esses dois lápis, tão divergentes, um velho e um novo, deixaram e deixarão traços que irão marcar toda uma vida. Mesmo que a madeira que de que são feitos vá se quebrando ao longo do tempo, as marcas de seus grafites continuarão fazendo história, e novos lápis vão surgindo para delinear um novo caminho.

De infância e velhice, novos contornos serão feitos e compartilhados. Não importa se as palavras serão alegres ou tristes. Novas experiências virão, novas formas de escrever o mundo, mas sempre com a mão que guia, e, como um Deus, dá sustento.

Mais um lápis, por favor!!!

Viver é envelhecer

Luana Santana

Envelhecer é um pesadelo para as pessoas. Há uma luta inútil e muitas vezes patética pela juventude eterna.

Estava eu a olhar, juntamente com meus netos, algumas fotos antigas que eu guardava em uns álbuns da família. Surgiram, em minha mente, diversas recordações do tempo em que vivíamos no sítio, em uma época que tudo era alegria.

Quando criança, brincava muito com meus irmãos e primos. Era mágico. Éramos entre 18 irmãos, e meus pais nos ensinaram a dividir tudo. Vivíamos em uma casa muito humilde, no entanto, não faltava amor e união. Enquanto refletia, meus netos olharam uma foto antiga minha e disseram que a imagem não se parecia comigo, pois eu tinha “ficado velhinha”. Falei para eles que cada marca no meu rosto era sinal de experiência, de recordação de um tempo que não voltaria mais.

Ao longo dos anos, a repetição torna a vida difícil. Dia após dia a mesma coisa. Os gregos antigos, inclusive, tinham o mito de Sísifo, condenado pelos deuses a rolar uma pedra montanha acima, mas que despencava montanha abaixo tão logo atingia o cume. A punição era repetir para sempre a tarefa.

A vida longa vem acompanhada por algumas limitações, o que dificulta a empreitada de se reinventar. Mas nós podemos quebrar essa regra, podemos romper esse ciclo, podemos fazer sempre diferente. Claro que os jovens não entendem, nisso consiste a juventude. Apesar das desvantagens físicas, e das perdas afetivas, somos mais livres na velhice. É uma vantagem e tanto. Mas é preciso lutar para não perder a curiosidade e a alegria, porque quem perde a curiosidade e a alegria está morrendo antes da hora. É fundamental rir, conviver, sair de casa, atualizar-se, participar da vida, não se prendendo apenas a uma tela de celular. O velho nada mais é que uma criança com idade, e como Simone de Beauvoir sempre dizia: “A velhice é a paródia da vida”.

Qual seria a sua idade se você não soubesse quantos anos tem?

Velhice e portões enferrujados

Marcos Roberto

O olhar severo a quem passa. Corpo a cada dia mais debilitado, arrastando-se por entre as horas escuras dos dias que acabam, mas não com o mesmo brilho de antes. Dores. O remorso e o arrependimento podem ser a pior companhia no fim das coisas, mais que o filho que abandona num asilo...ou não? Não há máscara que resista. Sentir dor quando a dor é condição normal do corpo, que matemática da tortura deve ser essa? A ajuda e a humildade começam a ter mais funções e usos. Coisas simples se complicam e afrouxam. O olhar severo a quem passa – esses pulsos e peitos cheios de vida e calor com tanto por queimar ainda...não preciso da sua piedade, não mesmo – é o que parecem dizer na linguagem das rugas e varizes. As horas já usadas e o fim que tanto foi imaginado e planejado, cuidado para que fosse o melhor, qual será? O fim que virá a qualquer momento, numa queda no quintal ou algo da natureza casual e tranquila da criação. Uma velhice feliz e leve. Ver semente virando árvore, flor. A sensação de quem fez o que podia e o que não. Os peitos e pulsos cheios de vida passam, os olhares severos olham sempre que passo pelas avenidas e ruas, olhares que já foram meus algum dia.

Criança e tardes de suor

Marcos Roberto

Jogar bola, brincar de esconde-esconde, passar as tardes descobrindo o bairro, pelos nascendo no corpo! O mundo ainda no começo e eram tantos doces, tanto dinheiro surrupiado dos tios e avôs, sem contar aniversários, refrigerantes, passeios!

Havia também o colégio que, tirando as aulas que não eram legais, a gente tornava divertido: recreio, paquera e corre-corre com cheiro de mijo lavado por todos os corredores, olhares e risinhos, grupos de meninas e meninos, esses sempre gaitando e correndo mais ou menos do que as meninas. O primeiro beijo no fundo da escola, com agarro e cheiro da saia da menina que ficava na mão — cheiro estranho, mas que parece adulto — e a fuga do valentão que sentava do fundo, pronto pra encher nosso rosto e barriga com socos de carroceiro na saída, ponto que o sol estava fervendo e não havia mais dinheiro pra geladinho, pipoca ou coisa do tipo, pois tudo foi gasto no recreio com besteiras ou bombons para impressionar a paquerinha. Quando dava pra escapar da surra do valentão, saindo mais cedo ou acompanhando pessoas mais velhas que iam pelo caminho de volta pra casa, a sensação era igual a chegar em casa, tirar o sapato e a farda que apertavam, e respirar com o cheiro de que havia lasanha no forno, prato típico dos domingos sendo feito no meio da semana!

Porém no meio disso tudo, não entendia a tristeza da minha mãe que vivia trabalhando, se a vida era tão boa e bonita — menos quando um valentão está correndo atrás de você ou quando se perde a tampa do dedo numa partida de futebol — e os geladinhos eram cremosos e o banho gelado, e doces tão doces e baratos... Era a única coisa que não conseguia entender...

Encontro

Raulina Andrade

É 23 de julho, o dia hoje é chuvoso, mas o sol esperta-se em algumas horas. Ainda estou com o meu moletom de linho marrom, as sandálias são as de sempre, não sei se já contei a vocês, mas são de um casamento que fui a dez anos atrás. Sim, de um garoto que conheci no elevador. Mas já faz muitos anos... eu o observara pelo vidro da porta.

Hoje eu acordei com saudades, sim, saudades. Procuo numa prateleira uma caixinha de recordações. Ela está um pouco empoeirada, sabe como é, a vida de quem já não tem aquela jovialidade toda, uns dias dispostos e outros não. Então abro-a e pego um bloquinho de anotações que eu fazia de diário. Ele está todo escrito.

Vi que uma das minhas últimas anotações completa quarenta anos hoje, 23 de julho. Eu começo a folheá-lo e a me encontrar comigo na juventude. Assim, convido-me a ir até a cozinha, passamos juntas pela sala. Nela há alguns porta-retratos. São as fotos dos meus pais, que morreram há uma década. Vamos juntas pensando até a cozinha. Vou preparar um café com biscoitos de Maisena, que são os meus favoritos. Pego a cafeteira e começo a ver como as minhas mãos estão vividas. Estão ornamentadas por rugas toda a sua extensão. Dou um leve sorriso e me sento na cadeira da ponta. Agora começamos a conversar e relatar nossas confusões.

Ela começa a me explicar como fazia para que tudo viesse a acontecer em sua vida, das suas pequenas juras no quarto escuro, e como fazia pra não olhar o mundo à sua volta. Uma sombra de dúvida sempre a rodeava e fazia de si uma pequena gueixa de pensamentos. O amor platônico que havia sentido pelo garoto do elevador e que depois de alguns anos vinha tornando-se cada vez mais absurdo. Mas, em sua opinião, ideais românticos eram apenas para os adultos que viviam meramente para seu passado.

O café está pronto!

Nesse instante em que a deixo sozinha vejo como as flores da cerejeira estão perfumadas. Então vou até o vaso e começo a lhes dar bom dia. São encantadoras. Volto porque ela me chama fortemente e pergunta-me como foi estar no casamento dele. Então eu lhe conto que, depois de ter saído daquele prédio, eu não o havia visto mais. Só que, quando estive lá, em sua festa pude ver as notas enviadas do coração juvenil aflorarem novamente. Mas eu me contento, pois as lembranças me bastam.

Simple assim!?

Não, não acabou. Eu acumulo apenas eventos passados para fazerem presentes o meu futuro. Então lhe explico que aquelas confusões diárias foram grandes espetáculos, que foram registrados para que eu, agora em minha velhice, pudesse assistir.

Explico como hoje eu observo com mais precisão as coisas, e como já não corro mais. Meus dias são calmos e serenos, para que eu aprecie cada lapso da minha memória.

Nessa pequena conversa vejo como parece inquieta e insatisfeita, por não entender essa paz que agora tenho. Ela pergunta-me se não saio e como são meus dias sociais. Então eu pego em suas mãos e falo que me senti no jardim e viajo novamente naquele ônibus, quando sinto falta do papai e da mamãe. Volto àquela linda cena dos dois se amando ou simplesmente crio o encontro com ela para que me contr algo que tenha passado despercebido.

Ela

Raulina Andrade

É 23 de julho, um dia muito chuvoso. Uma preguiça estendia-se ao longo desse quarto bagunçado. Um moletom de linho rose e umas pantufas antigas, que um dia foi da minha irmã mais velha decorava-me nessa manhã. Eu acordo apaixonada por alguém que não conheço e vivo a mendigar pequenos pensamentos que me fazem viva.

Puxo as cortinas das janelas e começo a escrever no bloquinho de anotações. São apenas inquietações de adolescentes transcritas ali. O tinteiro parece longe de tudo aquilo, mas eu vejo como de repente o sol vai aparecendo, mesmo em meio à tempestade, pois a aquarela que faltava, eu a preenchia agora. Vejo como as horas começam a passar depressa e já é tempo de vestir a túnica da garota do prédio ao lado. Era assim que todos me conheciam. Saio correndo do quarto, mal escovei os dentes e nem lembro se liguei o chuveiro na hora do banho, abro a porta do quarto e tenho a leve impressão de que meu pai estava sentado na poltrona encourada. Passo correndo em frente à porta do quarto e vejo a sombra da minha mãe se penteando.

Enfim chego à cozinha e reviro o armário em busca de sementinhas que pudessem enganar-me mais um dia. Cereais! Cereais são ótimos enganadores, nunca soube se realmente saciavam a fome.

As flores da cerejeira hoje estavam mais perfumadas... Apesar de ser um dia quase chuvoso. Mas não tinha tempo de observá-las, eu podia ouvir ao longe o trocar de machas do ônibus. Passei novamente pela porta do quarto e via meu pai agora gracejar os cabelos da minha mãe. Adultos são tão bobos. Sempre querem estar próximos e com um exagerado sentimentalismo. Mas isso era natural para os meus olhos, eles sempre se tocavam dessa forma antes de se separarem por doze horas diárias.

Estou indo agora.

Esperando o elevador chegar, observava pelo espelho da porta como eu estava pálida e com olheiras, era normal! Mas pude também ver atrás de mim a transcrição do meu bloquinho. Eu fiquei parada e, sem que se mexesse nenhuma musculatura minha, eu começava a flutuar entre as folhas já rabiscada das anotações. Um céu de ideias abriu-se diante dos meus olhos e pude projetar toda minha vida naquele instante. Era tudo perfeito e incomparável. A porta do elevador abre-se e então ficamos nos ali, a poucos centímetros um do outro. Foi um pequeno futuro que tive.

Quando cheguei ao estacionamento, vi como tudo estava passando depressa e o cenário à minha volta estava confuso. Parei e comecei a dar voltas e tudo corria como uma máquina do tempo. O mote tinha ido embora e ficava comigo a imprecisão do meu futuro. Só então o soar da buzina fazia voltar a minha real conduta. Aquela algazarra e todo aquele cheiro de Minâncora revelava o peso da minha

idade. Então sentei ao lado da janela e vi como a vida resumia-se naquela velocidade. Por uma pequena abertura da janela o vento bagunçava meus cabelos e cultuava em mim a mocidade colegial. É muito rápido e confuso tudo o que sinto, mas então vou olhar essa revista de origamis, e depois volto a ser quem era antes.

A evolução do Amor

Rivan Menezes Gama

Você recebe uma carta. Quanto você esperou por ela? Quantas noites sonhou com a sua chegada? O desejo de sentir o cheiro no papel, apreciar a caligrafia, sentir o amor em cada frase escrita. Isso fora antigamente... Hoje demonstrar amor através de cartas é brega, requer tempo e as pessoas estão ocupadas demais em seus celulares, então elas lhe mandam um emoji e você que usufrua e sinta o amor através de um rosto amarelo com olhos de coração.

Você está numa quermesse, vê alguém que o encanta de repente, aquela troca de olhares se inicia e faz seu coração acelerar, a timidez para puxar conversa, a magia que se sente ao primeiro toque. Ah, meu caro, isso não se encontra mais, não nessa geração, onde o toque se inicia na tela do celular, os olhares estão voltados para o cardápio de corpos a sua disposição e a conversa é das mais breves, está a fim ou não?

É uma manhã de sábado, você vai à feira acompanhar seu pai e, em meio às barracas e à multidão, alguém o surpreende com uma flor e você se encanta com tal demonstração de afeto, a ousadia e simplicidade da conquista. Porém, hoje flores são bem mais vistas e aceitas em estampas de roupas. Você não vai à feira, pois está cansada

demais depois de uma noite de curtição, e a sua maior possibilidade de surpresa em uma manhã de sábado é um nude e aquela fatídica fala “E aí gata, acordei assim pensando em você”.

Pois é, meus caros, os tempos mudam e o que parecia imutável acaba mudando, o profundo do amor e das conquistas, hoje tão superficiais e rasos quanto uma piscina de bolinhas, a paquera e os olhares são todos online e você que se conecte. Cartas? Flores? Conversas ao luar? Isso só em filmes de época. As coisas evoluíram e ironicamente o amor regrediu. Mas existem os que se arriscam a amar de forma antiga, pobres coitados, julgados trouxas, bobos e caretas por pessoas covardes que dizem que o amor machuca, mas falam “Eu te amo” da boca para fora.

Ainda não se convenceu de que o amor teve seu regresso? Ligue o rádio, ouça 10 minutos das constantes canções atuais e mais 10 minutos de canções dos anos 90, compare e perceba que o que antes eram verdadeiras e intensas melodias românticas, hoje são versos simples que cultuam o “amor” moderno, que enaltecem o lance de uma noite só, que vangloria, o *match* num aplicativo de paquera, e até mesmo o vazio que fica nos corações de quem ama de forma “evoluída” é cantado e celebrado num copo de cerveja. E viva o Amor!!

Entre o atual e os 80

Rivan Menezes Gama

Quantas vezes durante nossa vida paramos para pensar e nos imaginar vivendo com 80 anos em um mundo tão tecnológico e sombrio como esse?

Um dia desses, enquanto observava meu avô, um senhor de 85 anos, acamado e que mal consegue ficar de pé, comecei a imaginar como será meu futuro se um dia chegar a essa idade e ter que viver em tais condições.

É completamente estranho e surreal imaginar uma geração tão temperamental como essa vivendo em um futuro tão incerto, no qual, praticamente tudo é feito na tela de um celular, e curtidas e impressões são algo considerado totalmente importante e necessário.

A verdade é que tecnologia tem se transformado em sentimento, e essa é a primeira geração que será capaz de ver toda a história de sua vida documentada em imagens na internet, e juntos, seremos capazes de descobrir os efeitos colaterais disso.

Pensando sobre mim e as pessoas desta geração, às vezes sinto um medo estrondoso. Como será o futuro de pessoas que publicam fotos o tempo inteiro para descobrirem o que estranhos pensam sobre nós? Qual será nossa reação ao acordarmos, olharmos nossos rostos no espelho e vermos as rachaduras, cicatrizes e manchas?

É interessante pensar na tecnologia como sinônimo disso. Estamos inevitavelmente expostos a uma onda que sempre pode nos dizer o que fazer ou o que ser. E que padrões de beleza podem ser mentirosamente atingidos. Esse é o lado da moeda ruim, que se olharmos bem não é diferente do que realmente somos.

Meu ponto de vista é que, apesar da necessidade de simplificar e generalizar absolutamente tudo e todos dessa vida, os seres humanos são intrinsecamente impossíveis de simplificar. Nunca somos simplesmente bons ou simplesmente ruins. Somos versões dos nossos melhores e piores “eus”, divididos entre um jantar em família e uma foto de perfil bem iluminada e cheia de curtidas.

Agora, quando lembro da imagem do meu avô, penso o quão gratificante foi e é a sua vida mesmo sem ter nunca tocado em um simples aparelho celular. O quanto ele é amado, o quanto existem pessoas que realmente se importam com ele, e o quanto ter trabalhado uma vida inteira lhe rendeu frutos de uma velhice feliz e amável, sem nunca precisar de comentários em post nenhum para dizer qual a melhor versão de si mesmo.

Pensar que existe uma linha tênue entre uma geração do passado e uma atual é realmente importante para que percebamos os abismos entre dois mundos que são totalmente opostos, mas que ao mesmo tempo são inegavelmente dependentes. Temos muito a aprender com as coisas que virão futuramente, mas temos mais ainda

que prestar atenção lá atrás, para assim nos tornarmos uma versão melhor de nós mesmos. Já que, sem nosso passado, nunca poderíamos ter chegado tão maravilhosa e brutalmente, de propósito ou por alguma exótica e violenta coincidência, aqui.

Seu João das vaquinhas

Rosângela Trajano

Plantaram seu João na terra ainda há pouco. Ele, que eu, na minha infância, o tinha como o homenzinho das vacas e dos carneiros. Foi ele quem me ajudou a ficar curada da coqueluche, tirando o leite do peito da vaca direto para o meu caneco de alumínio. As pessoas precisam partir desse mundo. Todos passaremos por isso, um dia. Ele agora vai reencontrar a sua amada esposa dona Gileuda. Foi rápida a sua partida como rápido é o nascer do arco-íris no céu.

Um bom homem. Seu João sempre foi amado por todos. Deixará muitas saudades. Os seus bichos já devem estar sentindo a sua falta. A sua vaquinha certamente dormirá mais cedo nesta noite. Tem gente que é tão linda que não enterramos, mas plantamos na terra fértil talvez inconscientemente na esperança de que nasçam outras iguais a ela.

Seu João e a sua vaquinha ficarão nas minhas melhores lembranças. O pai que manteve os filhos sempre ao seu lado morando todos em casas-irmãs. O homem religioso crente de Padre Cícero. O amigo de muitos. A última vez em que vi seu João foi quando ele passava em frente à minha casa apressado. A gente nunca sabe que será a última vez, senão eu teria lhe dado um abraço e agradecido por

ter feito parte da minha tão linda infância. Eu que tanto tinha medo da vaquinha de seu João e que acordava cedinho para tomar leite quentinho tirado do peito da vaca... Ele, todo carinhoso, me dizia para eu não ter medo. Lembro agora que sempre quis desenhar uma vaca, mas nunca consegui. E agora as vacas me trarão a saudosa lembrança de seu João.

Que nasça uma grande árvore onde o senhor foi plantado e que ela nos dê muitos frutos chamados Joãozinhos das vaquinhas. Que esses frutos mudem o mundo e as pessoas para melhor. Eu não fui me despedir do senhor, porque hoje escolhi viver a minha infância ao seu lado, perdoe-me, ainda vive em mim o seu João das vaquinhas. Há plantas que crescem rápido, espero que o senhor possa crescer em nossos corações todos os dias das nossas vidas com os seus exemplos de homem digno. Obrigada, seu João, por ser planta em minha alma de mulher-menina.

Lembranças através da janela mágica

Sheila Senes

Na minha infância, passei grandes temporadas nas casas dos meus tios, avós, parentes. Em vários bairros do Rio. Do subúrbio, Zona Norte, Zona Sul...

Muitos momentos foram na Ilha do Governador. Na casa da minha tia, irmã mais velha da minha mãe. Ela morava na Praia das Pitangueiras. Numa praça. Em frente ao mar da Baía de Guanabara. Onde eu aprendi a nadar. A água já não era tão limpa, mas de vez em quando dava para a gente dar uns mergulhos.

Era uma Praça bem arborizada, e com banquinhos, e barcos ‘estacionados’ ao lado de carros de todos os tipos. Novos, ‘anos 1970’, e antigos, como os do meu tio, Fiat 1950 e 1960.

A Praça tinha várias casas ao redor. Algumas já antigas, desde os anos 1950, e outras em construção. Havia também prédios novos sendo erguidos. Nas casas recém-abandonadas, as crianças, eu inclusive, fazíamos o panorama perfeito para aventuras e brincadeiras.

Quando sozinha, minha distração ficava dentro da casa. Com muitas ideias e criatividade, não era difícil para mim. E na sala, que muitas vezes era o meu quarto, eu me instalava de vez.

Os acontecimentos, contudo, às vezes, vinham de fora. E pela janela eu via tudo como espectadora, ou também participava do enredo, como mais um personagem. Era uma TV ao vivo. Por ela, eu via o cenário e os atores. As pessoas, os cãezinhos e gatos, os barcos, as árvores agitarem seus galhos e derrubarem suas amêndoas. A chuva e o vento. As enchentes que ligavam a água acumulada do temporal com a água do mar. O vendedor de sorvete buzinando para chamar a freguesia. E, no carnaval, os mascarados por lá passavam cantando suas marchinhas e jogando serpentina e confetes. E eu retribuía com os mesmos papéis picados.

A janela da sala sempre aberta era um atrativo para todos transeuntes. Vendedores que distribuía amostras grátis, evangélicos que davam Bíblias para o povo. E eu, no alto dos meus 7 ou 8 anos, aceitava tudo. Quer um sabonete gratuito da loja Dona Maria? Quero! Quer a palavra de Deus da Igreja... Quero! Quer esse pequeno... Quero!! Quero tudo!!!

Minha tia, depois de uma semana, ficava surpresa com tudo que tinha aparecido na sala. Havia um estoque de Bíblias e evangelhos de todas as linhas cristãs e um monte de brindes (sabonetes, lixa de unha, bolinhas de ping-pong, etc.) recebidos via 'janela' por sua hóspede conversadeira.

Havia também os vendedores que ofereciam seus produtos para serem comercializados. Lembro-me de uma ocasião, em que

meu pai estava lá, e que um vendedor nos ofereceu uma espécie de ‘fazedor de bolinhas’ que lembravam bolhinhas de sabão, mas que na verdade eram de uma espécie de borracha, cola, não sei bem dizer. Sei que o cheiro era bem ativo. E com certeza, devia ser altamente tóxico. Era uma brincadeira divertida. Fazíamos a pequena esfera com um minúsculo canudinho e soprávamos. A bolinha saía do outro lado. E era tão consistente, que podíamos arremessá-la em qualquer direção.

A janela servia de rede de vôlei, porta alternativa (quando escalávamos a janela para entrar ou sair – prática condenada pela minha tia), e banco de sentar, para observarmos o ambiente de um ponto mais elevado. Através dela meus coleguinhas e vizinhos me chamavam. A janela era tudo. Uma janela ampla, naquela casa com parede de pedras.

Bem, sobrevivemos a tudo. Às bolinhas de ‘plástico tóxico’, e à vulnerabilidade da fenestra escancarada. Só não passamos ilesos às lembranças. Ficaram as imagens gravadas na minha memória, e em algumas raras fotos, cujas histórias aquela janela foi testemunha. Daquela janela mágica que me abria a todo um mundo de fantasia e realidade.

Ah, e quanto aos brindes? Bem, eu ainda acabei herdando alguns desses livros e suvenires que foram parar na minha casa de praia junto com a estante, quando minha tia vendeu a casa e nos deu grande parte dos móveis. E que estavam todos guardados cuidadosamente, como se estivessem esperando por mim. E alguns ainda estão lá para contar a história.

Flexibilidade e saúde

Sheila Senes

Quando estamos com 40, 50, 60 anos ou mais, temos que nos lembrar que nossa ‘jovialidade’ permanece dependendo de nosso estilo de vida no passado e no presente. Para que a gente tenha um belo futuro.

Eu nunca fui tão esportista assim. Na infância e adolescência, sim. Mas na ‘adultice’, eu diminuí bastante minhas atividades físicas. Por conta dos estudos e trabalho, não conseguia organizar minha agenda para um exercício regular.

Ao longo dos anos fiz esporadicamente os tais exercícios físicos. Teve uma temporada que fiz natação. Três vezes por semana. De janeiro a maio. Quando começava a esfriar, eu caía fora. Na época não havia piscina climatizada. E, não gostava de sentir frio naquela piscina congelante.

Depois me dediquei à caminhada, e, até me arrisquei a fazer corrida. Nada de corridas oficiais, só em praças ou pistas de corrida na praia, ou em outro local. Eu caminho. Às vezes faço trote, ou corro. Em Outros dias, me arrasto. Vejo gente de todas as idades. Todos os tamanhos e cores. Com ritmos distintos. Uns lentamente. Outros num pique frenético. Uns atentos aos passos. Outros distraídos, no celular, ou no vazio da mente.

Destaco um senhorzinho de uns 70 e tantos anos que sempre me chamava a atenção. Mexia-se com destreza. No seu exercício mais preguiçoso, era mais rápido do que eu na minha marcha regular. Corria ligeiro, como um campeão. E, ainda fazia acrobacias com os aparelhos da praça. Eu ficava impressionada. E, ficava imaginando o que aquele homem tinha sido no passado? Um professor de educação física? Um artista de circo? Quais foram seus cuidados com a saúde? E como manteve sua rotina esportiva durante o período de trabalho e estudo, se esta rotina não estivesse ligada ao trabalho? Porque normalmente não é o que acontece.

Aquele senhorzinho me fez lembrar meus familiares. Principalmente meu avô. E, como todos esses meus parentes, ou quase todos eles, mudaram suas práticas esportistas depois de começar a trabalhar. E, muitos deles, sem consciência de que deveriam ter uma vida tão saudável quanto tinham na juventude, perderam a vida ou tempos preciosos. Como meu tio, ou, ainda, meu pai.

Meu pai, quando jovem, foi atleta. Jogou futebol, basquete, vôlei. Sempre pertenceu aos times oficiais do Clube. Tinha corpo atlético, até que começou a faculdade e o trabalho. Pagar a mensalidade do clube, sem frequentar, não deixou o seu corpo 'sarado'. Sua ausência nas quadras esportivas teve um preço. Ele engordou muito. O que foi fatal para ele.

Meu tio mais velho, irmão da minha mãe, também foi atleta. Mas, com o tempo também engordou. O médico pediu para ele se exercitar. Fazer umas corridinhas pela Lagoa. Ele, sem tempo, contratou um camarada para correr no lugar dele, para ludibriar o médico. Lógico que não funcionou. Dizem que isso é lenda da família, não sei. Mas, não duvido que pudesse ter sido verdade.

Nesta outra história da família coloco meu avô na roda. Pai da minha mãe. Ele argentino, mas criado durante um bom tempo no Paraguai. Também foi um atleta. Foi jogador de futebol júnior de um clube famoso. Ele, já adulto, veio ao Brasil, onde se casou e se estabeleceu. Não teve mais oportunidades de enveredar para a área futebolística, contudo, seu tipo de trabalho, diferente de seu filho e de seu genro, pedia um esforço físico. Ele trabalhou como padeiro, carpinteiro, pedreiro e outros trabalhos que exigiam força e destreza. Era ágil e manteve seu corpo em forma até quase seus 70 anos de vida. Não fez curso de graduação, mas era bem inteligente e engraçado. Gostava de rir e de fazer os outros rirem.

Como disse acima, ele foi ágil, e até um pouco acrobático (lembrando-me aquele senhorzinho da Praça, que citei lá em cima) até os seus sessenta e tantos anos. E, houve um fato curioso, e até engraçado que ocorreu com ele.

Pois bem, um de seus filhos mais velhos tinha falecido precocemente com uns trinta e tantos anos. E, disseram que a pensão

poderia ir para o meu avô se este fosse impedido de trabalhar por alguma doença. Meu avô, apesar da agilidade, já sofria de artrite. Ele foi chamado ao INPS (atual INSS). Foi fazer uma perícia médica. Não foi instruído de como seria o exame e nem como deveria se portar.

O médico perguntou algumas coisas de praxe, e testou seus movimentos. Meu avô não teve dúvidas. Orgulhoso de ter agilidade, apesar da artrite, levantou-se e começou a fazer acrobacias. Virou de cabeça para baixo, rolou, pulou, virou cambalhota, e tudo mais. Para o espanto do médico, que estava esperando um senhorzinho com artrite e sem quase movimentos. Resultado: saúde de ferro. Apto a qualquer trabalho. Pensão NEGADA!!!

Meu avô saiu do médico contente pela sua estripulia. Cheio de dor, mas feliz. Em parte, lógico, pois perdeu a pensão. Só depois que os familiares disseram o que ele devia ter feito no consultório. Não tinha consciência do que estava acontecendo.

Bem, ele viveu mais alguns anos. Perdeu parte de sua agilidade. Mas, lembrava com gargalhadas esse episódio, quando sentado em sua cadeira de balanço. Falava sempre que na ocasião não teve consciência do que tinha que fazer. Entretanto, teve flexibilidade! Muita flexibilidade. E ria, ria e ria.

Convergência de milagres

Tony Marcus

A maternidade estava lotada. O final de semana tinha chegado e com ele uma enxurrada de mulheres grávidas que enchiam a sala de espera para o acolhimento inicial. Os bancos puídos e riscados estavam lotados de maridos que roíam as unhas, davam telefonemas, consolavam as companheiras ou reclamavam da enchente e do atendimento tardio. A cacofonia era inevitável e, em meio às várias conversas, chamadas para atendimentos, toques de celular e passos estridentes, se tornava quase impossível discernir algo inteligível.

Minha esposa conservava-se sentada no final de um banco de madeira ao lado de outras duas mulheres que tentavam esconder as dores que lhes sobrevinham conversando sobre o sexo de seus bebês. Não lhe contei, mas gostei muito de sua força de vontade, pois sabia que estava sofrendo e ainda conseguia manter um olhar sereno toda vez que falava com ela. A espera me inquietava me forçando a descontar o nervosismo nas unhas, entre as quais uma já sangrava de leve provocando pontadas de dor ignoradas.

Maria Luzia Soares – A moça da recepção chamou, a voz tão desinteressada que parecia anunciar a venda de água ou doces – pode entrar na enfermaria e aguarde – Uma mulher ruiva e ofegante entrou

junto com o marido, um sujeito franzino e extremamente nervoso. A demora era interminável. Esperei compassivamente enquanto uma a uma as mulheres gestantes iam entrando na sala até por fim ouvir a convocação de minha esposa.

A enfermaria era pequena e claustrofóbica, mas após uma demora interminável parecia de certa forma acolhedora. A enfermeira aparentava cansaço, talvez advindo de um turno estendido ou só cansaço da vida mesmo. Após alguns exames, a mulher constatou que a criança já estava a caminho e, depois de me indicar o corredor, falou que poderia esperar junto com os outros pais por notícias do parto. Fiquei atônito.

— Tudo certo amor, nós vamos ficar bem. Falou minha esposa enquanto a enfermeira me conduzia pela porta.

Você já esperou algo com tanta ansiedade que não conseguiu se conter com a espera? Se já, talvez possa entender que eu não me aguentava com a situação e o interminável intervalo que levou até me chamarem para aguardar junto dela. Senti que ia ter um ataque de pânico, e até a pressão sanguínea se alterou enquanto aguardava.

Após algum tempo, fui conduzido ao leito em que minha amada esposa esperava. Não posso oferecer uma descrição precisa da mescla de sentimentos que um pai recebe ao entrar em um local como esse. Separadas apenas por lençóis cada mãe gemia, gritava e soluçava enquanto vários maridos nervosos tentavam disfarçar o quanto

estavam atormentados pelo ambiente de inquietação. As enfermeiras não ajudavam nem um pouco, pois, com uma bagagem de centenas de partos em seus currículos, pouco podiam oferecer de consolo quando diziam tudo estar normal.

Apertei a mão da minha esposa. Olhei em seus olhos. Um acordo mútuo pareceu se firmar naquele momento. Estaríamos juntos até o nosso pequeno menino nascer. Então as horas se arrastaram. Minha esposa se contorcia e suava demonstrando a angústia das dores que lhe sobrevinham sem, no entanto, gritar ou exclamar em voz alta. Parecia alguém que tivesse uma dor momentânea qualquer e não quisesse passar preocupação. Sua mão apertava a minha em uma firmeza de quebrar os ossos. As horas se arrastavam. Medicamentos eram aplicados, cuidados eram proferidos e o vaivém interminável das contrações parecia mesclado com o ponteiro do relógio e o bater do meu coração.

Não sei precisar o tempo, mas passada uma eternidade a enfermeira decidiu que ela poderia ir até a sala do parto. Me preparei para ir junto e quando estava seguindo a maca fui barrado por uma enfermeira.

— Senhor, infelizmente não possuímos equipamentos suficientes para acompanhantes hoje, por isso o Senhor não poderá assistir ao parto.

Meu esgotamento físico chegou ao auge. A pressão emocional,

o medo, a revolta pela situação e o desespero de deixar minha esposa só desabaram sobre meu entendimento. Chorei, de forma amarga e desapontada. Parado na enfermaria passei a chamar a atenção de todos que trabalhavam. Uma mão pousou em meu ombro.

— Calma, nós vamos dar um jeito. Uma enfermeira com um ar senhoril tirou a própria touca e colocou em meus cabelos, outra me deu a sua própria máscara enquanto uma terceira me colocava as luvas. De uma porta anexa, que devia pertencer à diretoria da maternidade, uma mulher saiu me entregando o jaleco e por fim um dos enfermeiros condutores de macas me deu os sapatos. A alegria foi instantânea e quase não consegui parar de agradecer, forçando-me a retornar a mim mesmo e afastar a emoção para adentrar a sala do parto.

Cheguei no momento certo. A obstetra sorridente aguardava o nascimento iminente da criança. Posicionei-me junto à cabeça da minha esposa e beijei-lhe a testa, simplesmente para lhe comunicar que tudo ia ficar bem. A espera foi pequena. O rostinho inchado e rosado logo saiu e por fim fui o primeiro a segurá-lo nos braços. As lágrimas rolaram por minha face. Ali estava uma parte de mim, resultado do amor.

Depois de um tempo, fui forçado a deixar que meus amores seguissem sozinhos para a sala de observação e fui aguardar a liberação de permanecer junto a eles depois. Ao sair percebi que fui o

único pai a assistir o nascimento de seu filho naquele dia. *A bondade humana ainda podia ser vista, ainda temos esperança neste mundo!* Percebi então que de alguma forma o passado, o presente e o futuro se uniam naquela criança. O passado de amor, um presente de compaixão e um futuro esperançoso. Ali estava uma novidade pela qual esperar pacientemente neste mundo veloz e insensato.

Um verdadeiro milagre...

O rock da vovó

Tony Marcus

Você já ouviu a última do momento?

Sorvo o meu café enquanto observo um grupo de jovens conversando em um dos quiosques da vivência. A loirinha que fez a pergunta não aparentava ter mais que dezenove e sua cara revelava um ar sábio a lá matemática. Um rapaz com um rastafári e pose de playboy via mais do que ouvia a garota, enquanto os outros ora conversavam, ora observavam o que acontecia ao redor.

Estão falando de música...

Como eu sei? Simplesmente sei. Pousei meu exemplar de “70 historinhas” no banco de pedra enquanto volto a atenção para o café, ouvidos ainda em alerta. Eram momentos como esse que me faziam sentir velho. Não na idade, essa traidora, e sim na mente. A velhice que se tem por dentro as vezes é pior do que a que se tem por fora. É chato ser um velho mental, mas também é divertido.

O grupo continua a algazarra e entre trechos de conversa surgem alguns refrãos. Não disse que eles estavam falando de música? Algumas canções me são familiares e outras, graças a Deus, não conheço e esse pensamento me anima ao ponto de também desanimar. É triste ser um velho mental, mas também era agradável.

Um sorriso brinca em meus lábios enquanto tomo as últimas gotas de café. Não percebo que minha amiga Sofia se sentou junto a mim antes que a mesma me dê um peteleco na minha cabeça distraída.

Pode parar eu sei do que está rindo.

Então veio me repreender? Sinto o riso vir aos lábios mais facilmente e isso era fruto da presença de Sofia ali no banco. Estava apenas observando como os tempos mudam, os universitários não são mais os mesmos, concorda?

Em certo ponto. Sofia me dirige um olhar inquisidor e eu sinto que daria tudo para entender os seus mistérios.

Estou sorrindo, Sofia, pelo simples fato de que não consigo demonstrar meus sentimentos de outra forma. Me sinto velho e não reconheço o mundo a minha volta.

Ai, ai lá vem você com essa história de novo.

Lógico, não consigo esquecer. Toda a vez que escuto a “nova música boa” sinto mais saudade ainda do meu velho rock. O Gene Simons, aquele baixista do Kiss, estava certo Sofia, o rock está morrendo junto com a boa música, e muito da juventude que vejo por aí comprova essa teoria. O rock deixou de ser jovem e ganhou netos. Talvez eu possa finalmente apresentá-lo para minha vó.

É uma tortura ser um velho mental, mas também é uma dádiva.

Nem toda música está perdida e você sabe disso. Os olhos de Sofia me fitavam questionadores, inquisidores, acusadores e perturbadores. Não pude sustentar seu olhar, voltei a atenção para o grupinho de alunos.

Sei disso, Sofia, mas me pergunto: por quanto tempo? Sou de uma época em que a música era bebida com os olhos e era possível tocar com os dedos em cada nota e letra. Sou de um tempo em que ter uma banda era quase como se ter uma gangue, você vivia na contramão da sociedade e cada gota de suor que se derramava era um drive executado no palco. Sou de um momento em que o momento seguinte não importava e cada um vivia o agora e curiosamente voltava sem viver o depois. Naqueles tempos ninguém envelhecia Sofia, ninguém morria e a lei era o primeiro fora-da-lei que você conseguia encontrar. Nós criávamos e recriávamos a realidade simplesmente por não suportar que as coisas fossem tão reais e palpáveis quanto a fome. O rock morreu Sofia e a prova se encontra aqui: Um jovem velho e amargurado tomando café e lendo um livro enquanto uma juventude mais feliz, e alheia ao mundo, bebe Coca-Cola e canta músicas rasas, incolores e incapazes de mudar um palito a sua volta.

Sei disso, você já me falou várias vezes e em todas lhe dei a mesma resposta. Sofia tinha o dom de ser irritante, isso ela tinha.

Nada morre de velhice sem deixar frutos de seu envelhecimento. Sei disso. A razão morreu na Europa no início do século XX e renasceu tempos depois. Nietzsche proclamou a morte de Deus e ele sobreviveu a conflagração de suas ideias. E a literatura? Essa, mataram tanto que nem consigo mais contar.

Então talvez haja esperança.

Com licença? A loirinha havia se aproximado durante a conversa. *Isso é uma camisa do Bob Dylan?* Respondi que sim ao passo que ela sorriu. *Nós temos um violão, se quiser cantar umas músicas dele seria muito bom.* O grupo começou a me chamar aos acenos.

Sofia tinha no rosto seu sorriso zombeteiro.

Clareei os pensamentos, orei uma prece curta, peguei o livro e cantarolando fui me juntar ao grupinho, Sofia foi junto.

É chato ser um velho mental, é mais chato ainda ser um velho sozinho.

Incomum

Yasmin Lima Resende

Às vezes a vida faz você pensar o quão frágil ela é, que é fácil tudo acabar e lhe leva a filosofar sobre como se deve viver. Esses pensamentos geralmente ocorrem quando você por obra do destino tem que entrar em um velatório. Lugar no qual você dá adeus a parentes, amigos e conhecidos, aonde você não espera ir, pois prefere não pensar em dar adeus aos seus entes queridos.

Porém, aqui estou em um velatório com muitas pessoas à minha volta, algumas chocadas, outras curiosas e outras com uma dor lancinante em seu ser. A tristeza que assola quem está aqui é profunda. Mas há uma pessoa cuja tristeza é maior até que a dos pais dessa criança, é a daquela que, na sabedoria popular, foi mãe três vezes, que tem o amor três vezes maior. É a bisavó desse bebê.

Frente a frente, bisavó e bisneta, passado e um quase futuro, frutos de duas épocas tão distantes e tão próximas. Uma cena incomum, que não passa despercebida a um olhar observador.

Percebe-se o amor, barrado pelo acaso da vida, em gestos tão simples como um afago nos cabelos da criança... percebe-se a dor em simples lágrimas, porém, ao mesmo tempo, tão complexas, carregadas de sentimentos, que, como em um leito de rio, continua fluindo, desaguando no oceano do vazio e traz dor.

Repetindo

Yasmin Lima Resende

Sentada no sofá observo a situação à minha volta, tão corriqueira e especial. A TV está ligada, há barulho na cozinha, cheiro de comida no ar, muita gente na casa... É assim que as reuniões semanais acontecem na casa da minha avó. No domingo à noite todos da família vão lá e compartilham a comida, as risadas e o amor de vó.

Ainda sentada no sofá passo o meu olhar sobre os cômodos da casa, sobre as pessoas que caminham conversando coisas banais, mas isso as diverte. Volto meu olhar e atenção aos retratos postos de maneira a preencher toda a estante. Neles se encontram várias memórias, de perto e de longe, fotografias antigas, em preto e branco, e fotos novas dos últimos netos e bisnetos a nascer na família.

Acabo tendo a atenção desviada para uma foto minha, de quando era uma sapeca menina vestindo uma roupa de bailarina no meu aniversário de cinco anos. Minha avó se sentou do meu lado, vendo que eu estava analisando minha foto e comentou uma história que já ouvi várias vezes, mas que, mesmo tão repetida, não perdia a graça e nem diminuía o sorriso da contadora que em meio a risadas repetia a história.

— Minha magrinha pequenininha, que chorava pra se esbagaçar pra não entrar aqui, se esperneava toda dizendo “eu não entro, eu não entro”. Não cresceu nadinha pra mim... Mas hoje essa menininha sapequinha da foto entra aqui.

Sobre os/as autores/as

Brenda dos Santos Souza é graduanda no curso de Letras-Português, na universidade federal de Sergipe. Entrou no curso, por gostar de gramática, mas, já no segundo período, se viu despertada por uma paixãozinha por Literatura. Hoje, quase finalizando o curso, com a ajuda desse livro, está descobrindo ainda mais essa paixão.

Carlos Alexandre Nascimento Aragão é natural de Aquidabã-SE, mas reside em Monte Alegre de Sergipe desde 2004. É professor de Língua Portuguesa da rede estadual e da FAPIDE. Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras e da Academia Aquidabãense de Letras, Cultura e Artes. Coordena os projetos “A Poesia indo à Escola”, “Plêiade Cavalado-do-Cão”, “De Mãos dadas com a Poesia”, “Sarau no Coreto” e participa como coordenador adjunto do projeto “Jovens Cronistas do Sertão” e “Sergipe é Poesia”. Publicou seu primeiro livro, *O professor de Língua Portuguesa e as imagens de si: uma abordagem discursiva*, em 2017.

Christina Ramalho é doutora em Letras pela UFRJ e professora do Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe. É membro da Academia Gloriense de Letras e da Academia Cabo-Verdiana de Letras. Além de livros de teoria, história e crítica literária é autora de cinco livros de poemas (*Laço e nó*, *Ítalo*, *Poemas mínimos* e *Lição de voar*, além de *Musa Carmesim*, poema épico) e um de contos. Site: www.ramalhochris.com.

Cris Souza é professora, blogueira, jornalista e antologista. Escreve poemas quando está inspirada, mas gosta mesmo é de escrever crônicas. Já publicou um livro infanto-juvenil e tem mais 4 no prelo. É membro de 5 academias literárias, mas tem a ALES-Academia de Letras Estudantil de Sergipe incrustada em seu coração. Coordena o Café Poético Sergipano e a BCVL-Biblioteca Comunitária Viajando na Leitura.

Everton (Pessan) Pereira Santos é mestrando do PROFLETRAS/Itabaiana, músico e quadrinista. Atualmente, é professor de rede pública de ensino em Sergipe, além tradutor. Divide seu tempo profissional com o artístico, já que toca em banda de rock há 18 anos, além de fazer tirinhas.

Fabiana Santos é graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho. Participou como autora da Mostra de Fotopoemas *Poética dos detalhes – Campus Itabaiana* (2019).

Ítalo de Melo Ramalho é advogado, nascido em Guarabira, Paraíba, no dia 19 de abril de 1974. Atualmente é residente e domiciliado em Aracaju, Sergipe, Brasil. Dilete das artes literária, musical, visual e da boa convivência. Sobre ciência devota o seu tempo ao Direito, à Antropologia, à Sociologia e à Política. Autor de *O inusitado amor da Brucha* e do *Catingueira* (e-book) em parceria com Christina Ramalho; é autor e organizador do livro "Todas as águas" (e-book) junto com Christina Ramalho e Rafael Senra.

Jailma Cabral de Souza é graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho. Já participou como bolsista COPEs do Programa Institucional de Pesquisa Científica (PIBIC). Participou como autora da Mostra de Fotopoemas *Poética dos detalhes – Campus Itabaiana* (2019).

Janáina Matias Moreno nasceu em solo candango (Brasília/DF) e cresceu em solo alexandriense, atualmente, essa mulher deixa seu suor regar o solo natalense com labuta, sonhos e esperança. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2009), especialização em Língua Portuguesa: Gramática, texto e discurso (2011) e mestrado em Estudos da Linguagem pela mesma Universidade (2012). Atualmente cursa Doutorado em Linguística na UFRN. É professora permanente da SEEC/RN. Amante dos saberes telúricos do ser(tão) brasileiro.

Damiana **Karina Vieira Borges** atua como pesquisadora iniciante no Programa de Iniciação Científica Voluntário (PICVOL), na área da Sociolinguística, com estudo voltado à variação dos Pronomes Objetos no Português Brasileiro. Atualmente é integrante do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS) e possui graduação em andamento em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, Itabaiana/SE. Participou como autora da Mostra de Fotopoemas *Poética dos detalhes – Campus Itabaiana* (2019).

Atualmente, Cósma **Karine Vieira** Borges é graduanda do curso de Letras-Português, do Campus Prof. Alberto Carvalho/UFS, em Itabaiana/SE. A estudante participa como bolsista CNPq do Programa Institucional de Pesquisa Científica (PIBIC) e faz parte também do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS). Participou como autora da Mostra de Fotopoemas *Poética dos detalhes – Campus Itabaiana* (2019).

Laís de Jesus Vasco é graduanda do curso de Letras-Português pela Universidade Federal de Sergipe. Encontrou na licenciatura uma nova forma de ver o mundo e de acreditar no mesmo, antes de ser bolsista no Programa de Iniciação à Docência, participou como mediadora no programa Mais Educação. Participou como autora da Mostra de Fotopoemas *Poética dos detalhes – Campus Itabaiana* (2019).

Luana Santana Atualmente é pesquisadora iniciante pelo Programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) e membro do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP). Iniciando a carreira docente, atuou como mediadora no programa Novo Mais Educação e como assistente de alfabetização no Programa Mais Alfabetização. No presente momento, cursa Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Marcos Roberto é graduando do Curso de Licenciatura em Letras no campus Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe. Participou como cronista dos livros *Tempo de Feira e Todas as águas*.

Raulina Andrade é graduanda do Curso de Licenciatura em Letras no campus Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe. Participou como cronista dos livros *Tempo de Feira*.

Rivan Menezes Gama é graduando do 4º período de Letras/Português pela Universidade Federal de Sergipe. Dedicou-se aos estudos da língua portuguesa, e suas respectivas literaturas, além de ênfase nos estudos retóricos e neoretóricos, os quais envolvem temáticas sociais e LGBTQ+. Participou como autor da Mostra de Fotopoemas *Poética dos detalhes – Campus Itabaiana* (2019).

Rosângela Trajano Rosângela Trajano é poeta, escritora, ilustradora e fotógrafa. Licenciada e bacharel em filosofia pela UFRN e mestra em literatura comparada também pela UFRN. Atualmente, cursa História na UFRN. Com mais de 21 livros publicados para crianças, ministra cursos a distância de filosofia para crianças. De sua autoria conta com 10 (dez) desenhos animados para crianças e alguns vídeopoemas. Também trabalha com a criação de infopoesia. Ilustradora e fotógrafa premiada pela Justiça Federal do Rio Grande do Norte em 2018 com o segundo e terceiro lugar. Escreve para os sites Fãs da Psicanálise e Nei Pies – Educação e Direitos Humanos. O que mais gosta de fazer é conversar com as estrelas e andar no meio da chuva. Seus sites para visitas são: rosangelatrajano.com.br e danda.com.br

Sheila Senes é graduada em duas áreas, sendo uma delas em Letras – Português/Inglês, Pós-graduada em Língua Portuguesa e com alguma experiência como professora de português e inglês. Participa como escritora de crônicas, contos e poesia de livros com autoria coletiva. Hoje se dedica mais à área musical como cantora solo, de Grupos Vocais e Corais de música pop brasileira e estrangeira.

Tony Marcus Souza Santos, 27 anos, reside no município de Malhador, Povoado Alecrim, onde mora com sua esposa Maryane e seus dois filhos, Pedro e Thiago. É formado em Serviço Social pela Universidade Tiradentes e discente de Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe. Trabalha no setor de RH de Moita Bonita/SE. É Diácono na Assembleia de Deus de seu povoado onde também dirige a igreja local. Seu maior passatempo é ler e escrever, tendo feito diversos poemas e contos enquanto conclui seu primeiro romance. É um amante dos livros e da boa música. Participou como autor da Mostra de Fotopoemas *Poética dos detalhes – Campus Itabaiana* (2019).

Yasmin Lima Resende é aluna de graduação da Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho. Participou de projetos como o SERAMAGIPEPÁ, em que Sergipe e Amapá foram retratados por meio de sua cultura, literatura e história. Também participou, como autora, da mostra coletiva de fotopoemas “Poética dos detalhes – campus Itabaiana”.



Crônicas de

Brenda dos Santos Souza
Carlos Alexandre Nascimento Aragão
Christina Ramalho
Cris Souza
Everton Pessan
Fabiana Santos
Ítalo de Melo Ramalho
Jailma Cabral de Souza
Janaína Matias Moreno
Karina Borges
Karine Vieira
Laís de Jesus Vasco
Luana Santana
Marcos Roberto
Raulina Andrade
Rivan Menezes Gama
Rosângela Trajano
Sheila Senes
Tony Marcus
Yasmin Resende

Organização: Christina Ramalho